



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS  
CÂMPUS DE TOCANTINÓPOLIS  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS – LICENCIATURA

**LETÍCIA PEREIRA DA CONCEIÇÃO**

**PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL NA ORLA DE  
TOCANTINÓPOLIS - TO**

Tocantinópolis/TO  
2022

**LETÍCIA PEREIRA DA CONCEIÇÃO**

**PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL NA ORLA DE  
TOCANTINÓPOLIS - TO**

Monografia foi avaliada e apresentada à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Tocantinópolis, Curso de Ciências Sociais para obtenção do título de licenciada em Ciências Sociais e aprovada em sua forma final pela Orientadora e pela Banca Examinadora.

Orientadora: Dra. Rita de Cássia Domingues Lopes

Tocantinópolis/TO

2022

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins**

---

C744p Conceição, Leticia Pereira da.  
Patrimônio Histórico e Cultural na Orla de Tocantinópolis - TO . / Leticia Pereira da Conceição. – Tocantinopolis, TO, 2022.  
68 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus  
Universitário de Tocantinopolis - Curso de Ciências Sociais, 2022.

Orientadora : Rita de Cássia Domingues Lopes

1. Patrimônio. 2. Memória. 3. Identidade. 4. Festas. I. Título

**CDD 300**

---

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

LETÍCIA PEREIRA DA CONCEIÇÃO

**PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL NA ORLA DE  
TOCANTINÓPOLIS - TO**

Monografia foi avaliada e apresentada à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Tocantinópolis, Curso de Ciências Sociais para obtenção do título de licenciada em Ciências Sociais e aprovada em sua forma final pela Orientadora e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: 02/12/2022

Banca Examinadora:

---

Profa. Dra. Rita de Cássia Domingues Lopes (Orientadora UFT)

---

Profa. Dra. Maysa Mayara Costa de Oliveira (Examinadora UFT)

---

Prof. Dr. Marcio José Rosa de Carvalho (Examinador UFT)

Tocantinópolis

2022

*Dedico este trabalho aos meus pais,  
Sebastião e Maria Lindalva; aos meus  
irmãos e irmãs: Fernando, Iara, Rafael e  
Raquel por todo apoio e confiança.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pelo dom da vida e por ser o meu porto seguro espiritual em toda a minha trajetória, sem o seu amor e zelo não conseguiria chegar até aqui.

À minha querida mãe Lindalva por me encorajar a seguir o meu sonho de criança de me formar em uma universidade e por ter a voz mais doce aos meus ouvidos a qual tem o poder de me acalmar nos momentos difíceis da trajetória acadêmica e fora dela, grata por todas as ligações diárias antes de dormir para saber se eu estava bem. Ao meu pai Sebastião por todo o amor, lealdade e confiança depositados em mim, por ser o meu amigo e companheiro de decisões. Aos dois, agradeço por sempre fazerem o possível para investirem nos meus estudos, serei eternamente grata e seguirei lutando para lhes recompensar em dobro tudo que fizeram e fazem por mim.

Agradeço aos meus irmãos e irmãs Fernando, Iara, Rafael e Raquel por todo apoio e amizade, por sempre acreditarem que a “caçulinha” de vocês pudesse chegar até aqui. Agradeço ainda pelo companheirismo, de sempre me ligarem e conversarem comigo apesar dos quase 400 km de distância, e por mediarem a minha relação com os meus três sobrinhos; Wanny Kelly, Laura e João Guilherme, que durante o tempo acadêmico não pude acompanhar seus crescimentos e ser uma tia tão presente como sonhei.

Agradeço a minha querida orientadora, professora Dra. Rita de Cássia Domingues Lopes pela confiança, lealdade, dedicação e companheirismo investidos em mim. Sou grata por todas as vezes que me incentivou à novas ideias e por não me deixar desanimar quando eu achava que não daria conta. Metade da minha trajetória acadêmica foi instruída por você, grata por todo conhecimento compartilhado e por todos os créditos depositados em mim. Obrigada, mãe Rita!

Agradeço a Dona Maria Aires e o Sr. Raimundo por todo suporte e carinho que me deram desde quando cheguei em Tocantinópolis até o fim da minha estadia na cidade, serei eternamente grata. Às “Craudinhas”, minhas amigas: Eva Dagna, Fernanda Pereira, Maísa Dias, Nair Trajano, Rafaela Coutinho, Suellem de Jesus e Thaissa Amanda pelo companheirismo desde o início do curso, foi um prazer formar uma rede de apoio com as mesmas, obrigada pelos conhecimentos compartilhados, pelos momentos dentro e fora da universidade. Vocês foram pessoas imprescindíveis na minha formação, até porque “não é possível fazer curso de Ciências Sociais sozinho(a)”. Feliz por todos os momentos que passei com vocês, grata por tudo e por tanto. Agradeço ainda aos meus amigos(as): Atíla Penha, Davi Barbosa, Denivaldo Cabral, Elizafan Gomes, Maria Gisley, Maysa Honorato, Railane

Honorato e ao Flávio da Xerox pelas boas energias emanadas durante a minha trajetória acadêmica, pela força e carinho.

Agradeço o colegiado do Curso de Ciências Sociais por todo conhecimento compartilhado e pelas ótimas experiências no decorrer dos anos da minha formação acadêmica. Foi um prazer ser instruída por grandes mestres e doutores, vocês são brilhantes.

Ademais, agradeço a Universidade Federal do Tocantins por fazer parte da mesma e por me conferir o grau de graduada licenciada em Ciências Sociais, por me permitir viver o universo acadêmico e me apaixonar por ele. Obrigada a todos(as) que contribuíram direta e indiretamente na minha formação acadêmica.

## RESUMO

Esta pesquisa dedica-se a compreender o patrimônio histórico e cultural na Orla de Tocantinópolis, cidade situada às margens do Rio Tocantins que nomeia o estado, na região conhecida como Bico do Papagaio. O trabalho objetivou analisar como o espaço da Orla é utilizado no cotidiano da comunidade e dos visitantes, e como as festas populares tradicionais – como a Festa Junina e a Procissão Nossa Senhora dos Navegantes – influenciam na formação identitária da sociedade tocantinopolina. Posto isto, a metodologia utilizada foi a etnografia, a partir da ida a campo, a observação participante juntamente com o auxílio de equipamentos audiovisual para a realização das entrevistas, imagens e vídeos. Foram utilizados ainda a História oral e a bibliografia local que resguardam e revelam os acontecimentos desde a antiga Boa Vista do Padre João até a atual Tocantinópolis, favorecendo a memória coletiva e a identidade tocantinopolina. Como resultado, considera-se a Orla da cidade como patrimônio histórico e cultural, assim como espaço de circulação da comunidade no cotidiano, quer seja para trabalho, quer seja para passeio; o saber-fazer dos barqueiros, pescadores/as, lavadores/as de roupas e as práticas sociais das festividades realizadas ali, sendo esta, mediadora entre o rio e a cidade, repleta de memórias, sociabilidades, além de formadora de identidade.

**Palavras-chave:** Patrimônio. Memória. Identidade. Festas. Tocantinópolis.



## **ABSTRACT**

This research is dedicated to understanding the historical and cultural heritage on the edge of Tocantinópolis, a city located on the banks of the Tocantins River that names the state, in the region known as Bico do Papagaio. The work aimed to analyze how the waterfront space is used in the daily life of the community and the visitors, and how the traditional popular festivals - such as the June festival and the Nossa Senhora dos Navegantes Procession - influence the identity formation of Tocantins society. That said, the methodology used was ethnography, from the field trip, and participant observation together with the aid of audiovisuals equipment for the realization of interviews, images, and videos. Oral history and local bibliography were also used, which protect and reveal the events from the old Boa Vista do Padre João to the current Tocantinópolis, favoring the collective memory and the tocanopolina identity. As a result, the waterfront is considered a space for the community to circulate in everyday life, whether for work or a walk; the know-how of boatmen, fishermen, washing machines and the social practices of the festivities held on the waterfront, which is a mediator between the river and the city, full of memories, sociability and identity formation.

**Key-words:** Patrimony. Memory. Identity. Tradicional folk festivals. Tocantinópolis.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

|  |    |
|--|----|
| Figura 1 - Orla de Tocantinópolis vista pelo rio                           | 22 |
| Figura 2 - Croqui Orla de Tocantinópolis, 2022                             | 27 |
| Figura 3 - Vista ampla da Orla   | 28 |
| Figura 4 - Vista panorâmica do entorno da Orla                             | 28 |
| Figura 5 - Arena Beira Rio   | 30 |
| Figura 6 - Zona central da Orla  | 31 |
| Figura 7 - Bar e Restaurante na parte superior da Orla                     | 32 |
| Figura 8 - Bares em funcionamento em temporada de praias                   | 32 |
| Figura 9 - Espaço Cultural em dia de evento Moto-Show                      | 33 |
| Figura 10 - Quiosque e Adega no Espaço Cultural                            | 33 |
| Figura 11 - Espaço de diversão para crianças                               | 34 |
| Figura 12 - Espaço de socialização em formato circular                     | 34 |
| Figura 13 - Quadrilhódromo   | 35 |
| Figura 14 - Estação dos Barcos e da Balsa                                  | 35 |
| Figura 15 - Barco utilizado no tempo das grandes navegações, hoje estático | 36 |
| Figura 16 - Bar da Ritinha   | 36 |
| Figura 17 - Espaço de sociabilidade  | 37 |
| Figura 18 - Jovens jogando Ping Pong                                       | 37 |
| Figura 19 - Post do retorno do Arraiá da Alegria                           | 43 |
| Figura 20 - Entrada do Evento Junino                                       | 44 |
| Figura 21 - Espaço ornamentado para fotos                                  | 45 |
| Figura 22 - Comercialização de comidas típicas                             | 45 |
| Figura 23 - Barracas de comerciantes locais                                | 46 |
| Figura 24 - Comercialização de bebidas                                     | 46 |
| Figura 25 - Apresentação de Escolas Municipais                             | 47 |

|  |    |
|--|----|
| Figura 26 - “Os filhos da Boa Vista” com o tema estampado no traje           | 48 |
| Figura 27 - Apresentação retratando a história da Região do Bico do Papagaio | 49 |
| Figura 28 - Apresentação de dança do grupo de Nazaré -TO                     | 49 |
| Figura 29 - Socialização após as apresentações juninas                       | 50 |
| Figura 30 - Santa Nossa Sra. da Consolação embarca na estação da balsa       | 54 |
| Figura 31 - Fiéis embarcando nos transportes fluviais                        | 54 |
| Figura 32 - Fiéis entoando cânticos durante a procissão                      | 55 |
| Figura 33 - Barco com a Santa e autoridades eclesiásticas                    | 55 |
| Figura 34 - Barcos seguindo em fileira                                       | 56 |
| Figura 35 - Fiéis desembarcando na praia da Santa                            | 56 |
| Figura 36 - Realização da missa  | 57 |
| Figura 37 - Santa Nossa Sra. dos Navegantes                                  | 57 |
| Figura 38 - Santa Nossa Sra. da Consolação                                   | 57 |
| Figura 39 - Fila para o café da manhã  | 59 |
| Figura 40 - Retorno para a Orla  | 60 |
| Figura 41 - Retorno para a Catedral  | 60 |
| Figura 42 - Encerramento da Procissão  | 61 |

## **LISTA DE SIGLAS**

- GP CEP – Grupo de Pesquisa Cultura Educação e Política
- IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
- PIBIC – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica
- PIVIC – Programa Institucional Voluntário de Iniciação Científica
- SEMEC – Secretaria Municipal de Educação e Cultura
- SPHAN – Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
- UFNT – Universidade Federal do Norte do Tocantins
- UFT – Universidade Federal do Tocantins

## SUMÁRIO

|  |           |
|--|-----------|
| <b>1 INTRODUÇÃO .....</b>  | <b>13</b> |
| <b>2 ORLA: LUGAR DE MEMÓRIA EM TOCANTINÓPOLIS-TO .....</b>                 | <b>18</b> |
| <b>2.1 Patrimônio Histórico e Cultural.....</b>                            | <b>18</b> |
| <b>2.2 Memória e Identidade .....</b>                                      | <b>20</b> |
| <b>3 OS USOS DA ORLA: CIRCULAÇÃO, TRABALHO E SOCIABILIDADE .....</b>       | <b>23</b> |
| <b>3.1 A história, uma representação do passado.....</b>                   | <b>23</b> |
| <b>3.2 Orla: espaço de sociabilidade .....</b>                             | <b>26</b> |
| <b>4 PRÁTICAS SOCIAIS CRIADORAS DE MEMÓRIA E IDENTIDADE COLETIVA .....</b> | <b>40</b> |
| <b>4.1 A cultura popular .....</b>   | <b>40</b> |
| <b>4.2 Tradição na Orla .....</b>  | <b>41</b> |
| <b>4.2.1 Festa Junina .....</b>  | <b>42</b> |
| <b>4.2.2 Procissão Nossa Senhora dos Navegantes.....</b>                   | <b>51</b> |
| <b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>   | <b>62</b> |
| <b>REFERÊNCIAS .....</b>   | <b>64</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho busca compreender a importância histórica e cultural da Orla de Tocantinópolis; para alcançar este objetivo, foi analisado como o espaço da Orla é utilizado no cotidiano da comunidade e pelos visitantes, e como as festas populares tradicionais da cidade influenciam na formação identitária do povo em termos do que se pratica nesse espaço, as representações e as memórias sobre o lugar.

Entende-se por Orla o espaço urbanizado às margens do rio Tocantins, formado por um grande calçadão revitalizado que proporciona aos moradores e aos turistas diversão, lazer, sociabilidade, cultura entre outras interações sociais, fazendo uma conexão entre o rio e a cidade. Essa terminologia é bem mais recente no vocabulário tocantinopolino, visto que antes da construção da estrutura de alvenaria, a comunidade e região conhecia o espaço como Beira Rio, local onde a água se encontra com a terra. Nos dias atuais essa nomenclatura permanece no repertório dos habitantes da cidade, assim como o Cais, que é o espaço direcionado para o embarque e desembarque de cargas e passageiros que utilizam os transportes fluviais.

A escolha dessa temática ocorreu a partir da disciplina de Cultura, Política e Patrimônio, no curso de Ciências Sociais, lecionada pela professora Dra. Rita de Cássia Domingues Lopes em 2019, sendo proporcionado o primeiro contato e experiência com o campo de pesquisa. A partir disso, aflorou-se um grande afeto pelo espaço da Orla e suas festividades que encantam os visitantes e cativam os moradores. As admiráveis memórias descritas em livros, contadas através da história oral e a percepção dos resquícios da história da antiga Boa Vista do Padre João nos ajuda a repensar o hoje, a cultura tocantinopolina, as tradições, as sociabilidades e alegrias que permanecem e formam uma identidade local.

Posto isto, este trabalho de conclusão de curso é resultado de dois anos de pesquisa realizadas no âmbito do PIVIC/UFT (2020-2021) e PIBIC/UFNT (2021-2022) sob a orientação da professora Dra. Rita de Cássia Domingues Lopes<sup>1</sup>. As pesquisas dizem respeito aos patrimônios na Orla de Tocantinópolis sejam materiais ou imateriais, históricos e culturais.

Um dos pontos de partida da antropologia para o estudo do patrimônio cultural é justamente, o questionamento do que se entende como patrimônio - ou seja, patrimônio para quem e para quê? – Nesse sentido, estudar o patrimônio implica, não

---

<sup>1</sup> Agradeço à professora Rita Domingues pelo convite para participar do grupo de pesquisa que coordena o GP Cultura, Educação e Política (CEP) no ano de 2020 e que apesar do advento da pandemia da Covid-19, o distanciamento social e a interrupção das aulas na universidade; juntas participamos do Programa Institucional Voluntário de Iniciação Científica (PIVIC) com projeto de pesquisa voltado para a temática do patrimônio. Com o sucesso dessa primeira pesquisa de Iniciação Científica concluímos mais um projeto, desta vez no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), que foram referências para o trabalho de conclusão de curso.

apenas estudar o cotidiano dos atores, mas também as práticas diárias dos formuladores das políticas públicas do patrimônio – pois, como sugere Ulpiano Meneses, o coração da problemática do patrimônio está nos valores [...] (AMANCIO, 2014, p. 23).

Contudo, quando se debate a temática de patrimônio, há uma pluralidade de autores como Amâncio (2014); Canani (2005), Funari & Pelegrini (2009), Nunez (2016), Tomaz (2010), entre outros, que definem os mais variados conceitos. Diante as várias leituras, afirmamos que patrimônio histórico e cultural se refere a tudo que é produzido pelo homem, sendo essa produção tanto material, quanto imaterial (IPHAN, 2012). Compreende-se também que há uma forte relação com a formação identitária e de certa forma única, considerando a herança patrimonial material e imaterial das gerações passadas que exercem um papel fundamental para a preservação e memória social e cultural dos espaços, saber e o saber-fazer do povo tocantinopolino. Ademais, “Patrimônio é tudo o que criamos, valorizamos e queremos preservar: são os monumentos, e as obras de arte, e também as festas, músicas e danças, os folguedos e as comidas, os saberes, os fazeres, os falares. Tudo enfim que produzimos com as mãos, as ideias e a fantasia”. (FONSECA, 2001, p. 69 apud YAMAGUTI, 2018, p. 5).

A tentativa de preservar esse patrimônio, deve ser constante por parte dos moradores, através da história oral; da infraestrutura do espaço assegurada pelos órgãos públicos; pelas criações de políticas públicas e pesquisas acadêmicas, fortalecendo e dando visibilidade à região do Bico do Papagaio.

Esta é uma pesquisa qualitativa visto que, analisar e evidenciar as práticas e representações realizadas na Orla de Tocantinópolis reforçam os laços afetivos entre as famílias, amigos, turistas e a comunidade em geral. Godoy (1995, p. 21) disse que “hoje em dia a pesquisa qualitativa ocupa um reconhecido lugar entre as várias possibilidades de se estudar os fenômenos que envolvem os seres humanos e suas intrincadas relações sociais, estabelecidas em diversos ambientes”. Diante disso, conota-se que as práticas sociais criadoras de memória e identidade coletiva são imprescindíveis para o fortalecimento e preservação do patrimônio histórico e cultural da Orla de Tocantinópolis, sendo necessárias para a compreensão e visibilidade desse trabalho de conclusão de curso. Para reforçar o conceito do tipo qualitativo da pesquisa, Chizzotti (2006, p. 29) ressalta que:

Diferentes orientações filosóficas e tendências epistemológicas inscrevem-se como direções de pesquisa, sob o abrigo qualitativo, advogando os mais variados métodos de pesquisa, como entrevista, observação participante, história de vida, testemunho, análise do discurso, estudo de caso e qualificam a pesquisa como pesquisa clínica, pesquisa participativa, etnografia, pesquisa participante, pesquisa-ação, teoria fundamentada (*grounded theory*), estudos culturais etc.

Diante disso, Godoy (1995, p. 21) compreende que no decorrer do estudo qualitativo pode, no entanto, ser conduzido por diferentes caminhos. “A abordagem qualitativa oferece três diferentes possibilidades de se realizar pesquisa: a pesquisa documental, o estudo de caso e a etnografia.” Para esta última, Mattos (2011) explicita que “Etnografia é a escrita do visível. A descrição etnográfica depende das qualidades de observação, de sensibilidade ao outro, do conhecimento sobre o contexto estudado, da inteligência e da imaginação científica do etnógrafo.” Para mais, reitera que:

A maior preocupação da etnografia é obter uma descrição densa, a mais completa possível, sobre o que um grupo particular de pessoas faz e o significado das perspectivas imediatas que eles têm do que que eles fazem, esta descrição é sempre escrita com a comparação etnológica em mente. O objeto da etnografia é esse conjunto de significantes em termos dos quais os eventos, fatos, ações, e contextos são produzidos, percebidos e interpretados, e sem os quais não existem como categoria cultural. Esses conjuntos de significantes nos apresentam como estruturas inter-relacionadas, em múltiplos níveis de interpretação (OGBU, 1981 apud MATTOS, 2011, p. 54).

À vista disso, a pesquisa fundamenta-se metodologicamente em trabalho de campo etnográfico, que se baseia nas idas ao campo que no nosso caso será a Orla de Tocantinópolis, no ano de 2022, entre os meses de março a setembro. Para a realização da etnografia foi de suma importância a utilização de técnicas, como: a coleta de informações, revisão de obras literárias locais, o uso do audiovisual – smartphone – para facilitar a execução das entrevistas com a comunidade e visitantes que participaram das festas tradicionais locais e que usufruem do espaço da Orla no dia a dia; a observação direta sobre o que acontece nos eventos e no cotidiano; as fotografias, os vídeos registrados durante a pesquisa e o diário de campo foram ferramentas essenciais para a realização do trabalho nos moldes devidamente científicos.

Etnografia é também conhecida como: observação participante, pesquisa interpretativa, pesquisa hermenêutica, dentre outras. Compreende o estudo, pela observação direta e por um período de tempo, das formas costumeiras de viver de um grupo particular de pessoas: um grupo de pessoas associadas de alguma maneira, uma unidade social representativa para estudo, seja ela formada por poucos ou muitos elementos, por exemplo: uma escola toda ou um grupo de estudo em uma determinada sala de aula. (MATTOS, 2011, p. 51).

O ano de 2022 possibilitou o retorno à biblioteca física do Campus de Tocantinópolis da UFT/UFNT, proporcionando acesso aos livros, monografias, internet e ambiente adequado para estudo e escrita do trabalho depois de dois anos de pandemia da Covid-19. O contexto também concedeu a ida à Orla de Tocantinópolis, no qual pôde-se registrar imagens através de fotografias que estão presentes no trabalho e e-mail “patrimoniaorla.to@gmail.com” criado para esta pesquisa, com o intuito de registrar o espaço e as práticas culturais existentes na Orla;



favorecendo a memória do hoje e as futuras pesquisas, impulsionando a utilização dos recursos digitais no desenvolvimento da pesquisa em campo e buscando compensar o déficit que há em relação aos registros dos patrimônios na cidade de Tocantinópolis.

Apesar dessa pesquisa ter sido realizada desde o início do contexto pandêmico da Covid-19 em 2020 e sendo concluída em 2022, diversas questões foram propostas, enfatizando a problemática entre tempo, criação e reformas da Orla, a importância desse espaço na perspectiva de lugar de memória e patrimônio cultural é fundamental para o momento presente e a significação simbólica na vida das pessoas moradoras da cidade.

A observação participante nas festividades e no cotidiano da Orla após a vacinação contra o vírus, a baixa nos casos de morte na cidade e o decreto da não obrigatoriedade do uso de máscaras foi imprescindível para a realização dessa pesquisa, portanto, a pergunta norteadora foi: De que forma a Orla de Tocantinópolis pode ser considerada patrimônio histórico e cultural da cidade?

O objetivo geral foi: Analisar a Orla da cidade como Patrimônio histórico e cultural de Tocantinópolis partindo das perspectivas de espaço de sociabilidade e de formação de identidade. Para isso, delimitamos os seguintes objetivos específicos: a) Descrever a Orla e demonstrar a construção da identidade tocantinopolina por meio de pesquisas bibliográficas sobre Tocantinópolis; b) discutir o processo da sociabilidade e de formação de identidade partindo dos eventos que acontecem na Orla; c) descrever as festas populares que acontecem na Orla da cidade.

Dessa forma, o trabalho está dividido em três partes. Na primeira parte “Orla: Lugar de Memória em Tocantinópolis - TO” são apresentados os conceitos de patrimônio histórico e cultural, memória histórica e coletiva, e como o espaço influencia na vida da comunidade tocantinopolina.

Na segunda parte “Os usos da Orla: circulação, trabalho e sociabilidade” busca-se responder parte dos objetivos específicos, fazendo uma breve descrição da história deste espaço, enfatizando as principais relações culturais, políticas e de identidade local; sendo descritas as percepções sobre a sociabilidade que há na Orla e ao redor da mesma, sua infraestrutura e peculiaridades representativas.

Na terceira parte, “Práticas sociais criadoras de memórias e identidade coletiva” será descrito como as festas populares que acontecem na Orla se desenvolvem e tornam-se criadoras de memória e identidade, os impactos que o contexto pandêmico causou e as expectativas com o retorno das tradições.

A Orla condensava e continua condensando a vida da maioria das pessoas moradoras da cidade; sendo um lugar de produção e de troca, com mercados, órgãos públicos, igrejas; espaço de encontros, de lazer, de paisagem, repleta de símbolos históricos, patrimônios materiais e imateriais que vem sendo restaurados e de certa forma renomeados.

## 2 ORLA: LUGAR DE MEMÓRIA EM TOCANTINÓPOLIS-TO

### 2.1 Patrimônio Histórico e Cultural

O patrimônio cultural é conhecido como herança de um povo e conjunto de bens e valores representativos de uma nação, esse conceito não é novo, no entanto, vem ganhando espaço nas pesquisas produzidas por antropólogos, sociólogos, historiadores, arquitetos e profissionais de diversas áreas, designando-as como temática interdisciplinar. Dessa forma, partimos para uma definição da noção de patrimônio na qual possa situar esse conceito no âmbito da Antropologia.

[...] Assim, o conceito de patrimônio, partindo de uma definição simples, pode ser entendido como um conjunto de bens, materiais ou não, direitos, ações, posse e tudo o mais que pertença a uma pessoa e seja suscetível de apreciação econômica. Colocado dessa forma, o patrimônio está relacionado diretamente à ideia de propriedade. Poderia se dizer que a propriedade é um dos universais da cultura humana, pois todos os povos de que se tem notícia conhecem alguma forma de propriedade, seja ela individual ou coletiva. (CANANI, 2005, p. 164)

Posto isso, torna-se necessário a implantação de políticas públicas de reconhecimento do patrimônio imaterial pelo governo brasileiro, com o intuito de reconhecer bens imóveis de caráter patrimonial bem como dos fazeres e processos culturais como passíveis de registro em livro de tomo, além das tradicionais ações de restauro e preservação dos bens imóveis, isso tem levado os pesquisadores a refletir sobre a implementação e manutenção de tais políticas.

À vista disso, compreende-se a importância da manutenção dos laços primordiais e do papel relevante dos símbolos com a intenção de reforçar os sentimentos de pertencimento e identificação de um povo com o Estado; para isso, foi preciso examinar também a legislação que estabelece o patrimônio no Brasil, na qual opera o poder do Estado.

Durante o governo de Getúlio Vargas, em 1936, o escritor Mário de Andrade redigiu um projeto de lei, a pedido do ministro da Educação Gustavo Capanema, que definia o patrimônio como “todas as obras de arte pura ou aplicada, popular ou erudita, nacional ou estrangeira, pertencentes aos poderes públicos e a organismos sociais, particulares nacionais e particulares estrangeiros residentes no Brasil”. (CANANI, 2005, p. 170)

A partir do envolvimento de Mário de Andrade com o esforço de abranger tudo o que diz respeito à produção artística e cultural brasileira, tem-se também questões de interesse da antropologia social, que dá início e impulsiona os debates sobre a preservação do patrimônio cultural e artístico no Brasil. Com toda essa preocupação com a preservação de uma herança para as futuras gerações, advindas da iniciativa do projeto de Mário de Andrade, gerou uma série de leis, que em conjunto, se completam.

Criado em 1937, pelo Decreto-Lei nº 25, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), inicialmente Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Sphan), prestava, como definiam seus primeiros diretores, um serviço à nação na preservação do patrimônio. As abordagens, recortes e olhares sobre o patrimônio do Brasil foram definidos por muito tempo pelo grupo à frente do Sphan na época e devem, portanto, ser analisadas conjuntamente, buscando não excluir outros institutos de memória criados pelo Estado Novo com esse mesmo propósito. (NUNEZ, 2016, p. 197)

Em 1970, a prioridade das inscrições de pedra e cal passou a sofrer várias críticas, fazendo com que o Iphan renovasse seu conceito de patrimônio; assim, originando o que chamou de fase moderna. Aluísio Magalhães surge nesse momento, modificando aos poucos toda uma lógica de pensamento. Ele procurou implementar, entre 1979 e 1983 a nova política de patrimônio cultural brasileira, utilizando do meio mais antropológico e buscando visibilidade a diversidade cultural brasileira, no qual ele conceitua como portadora de uma rica singularidade. Assim, a definição de bens culturais por ele adotada, frisava uma referência ao passado, reinterpretada com olhos no futuro e definindo vínculos com as populações locais do presente (NUNEZ, 2016).

Partindo então do princípio de patrimônio histórico e cultural consideramos o entendimento de tempo e espaço, os quais nos remetem a lugares de memória de determinados grupos sociais, tendo então grande importância e significado por fazerem parte de um passado coletivo, formando assim, uma espécie de identidade cultural.

Halbwachs (2006) enfatiza que a memória coletiva tem o poder de produzir sentimentos e sensações do que se viveu no passado, trazendo na imaginação presente, momentos nostálgicos e que apesar das muitas mudanças e/ou reformas das edificações, perdura-se ainda o sentimento de pertencimento. Levando em consideração as mudanças de tempo e espaço, deve-se também ressaltar a busca pelo passado comum, podendo-se registrá-lo [...] a cidade pode até escrever e reescrever seu passado, juntando fragmentos e reorganizando-os. Desse modo, “cada geração reconstrói aquele passado e o sistematiza em uma narrativa” (TOMAZ, 2010, p. 2).

Portanto, faz-se estimular as lembranças e reconhecimento da identidade do grupo social que pertence, além de fomentar o trabalho de historiadores e pesquisadores que exercem a função de conhecer, compreender e repassar as histórias vividas ali; fazendo saber a importância da ligação entre o homem, o meio ambiente e os saberes e fazeres, que causaram e/ou ainda causam um bem-estar na comunidade ou sociedade.

## 2.2 Memória e Identidade

[...] o lugar da memória é aquele da produção de subjetividades, da construção de identificações. A entrevista, uma chamada para a significação da experiência, é ferramenta e fonte tanto da história quanto da antropologia, disciplinas essas que articulam metodologias particulares amparando-se nos estudos sobre a memória, em análises de narrativas, na interpretação daquilo que é lembrado e esquecido, nos contraditos e nas repetições, na elaboração de significados, nos modos de dizer. (VENSON; PEDRO, 2012, p. 125).

À vista disso, a pesquisa foi realizada durante os anos de 2020 a 2022, tendo a experiência da ida a campo e entrevistas no decorrer do ano de 2022; com o objetivo de obter informações e registrar as imagens do espaço da Orla e os eventos que são realizados no local, que constrói ano após ano as identificações particulares da comunidade tocantinopolina. Para mais, Le Goff (2013, p. 435) destaca que “a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar de identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia”.

Para apoiar tais considerações, Hall (2006, p. 38) afirma que “a identidade é algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento”. Da mesma forma, que Le Goff (2013, p. 436) estabelece que, “cabe, com efeito, aos profissionais científicos da memória, antropólogos, historiadores, jornalistas, sociólogos, fazer da luta pela democratização da memória social um dos imperativos prioritários da sua objetividade científica”.

O passado deixou na sociedade de hoje muitos vestígios, às vezes visíveis, e que também percebemos na expressão das imagens, no aspecto dos lugares e até nos modos de pensar e de sentir, inconscientemente conservados e reproduzidos por tais pessoas e em tais ambientes. Em geral nem prestamos atenção nisso, mas basta que a atenção se volte desse lado para que os costumes modernos repousam sobre camadas antigas que afloram em mais de um lugar. (HALBWACHS, 2006, p. 87).

Dessa forma, compreende-se que a ligação entre lugar de memória e cultura podem contribuir para a preservação e valorização dos espaços que sustentam as identidades e a memória social, como também para o enriquecimento da relação entre os visitantes e os residentes da cidade. Halbwachs (2006) compreende ainda que, a memória coletiva se manifesta no que denominamos de lugares de memória.

A memória instala a lembrança no sagrado, a história a liberta, e torna sempre prosaica. A memória emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer, como Halbwachs o fez, que tantas memórias quantos grupos existem; que ela é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada. (NORA, 1993, p.9).

Nora (1993) realça que só é lugar de memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica, sendo assim é imprescindível a análise e evidência da importância da memória e do significado do lugar para que não caia no esquecimento. Da mesma forma que Halbwachs pondera que:

Assim como é preciso introduzir um germe em um meio saturado para que ele cristalize, o mesmo acontece neste conjunto de testemunhas exteriores a nós, temos de trazer uma espécie de semente da rememoração a este conjunto de testemunhos exteriores a nós para que ele vire uma consistente massa de lembranças. Ao contrário, quando uma cena parece não ter deixado nenhum traço em nossa memória, se na ausência dessas testemunhas nos sentimos completamente incapazes de reconstruir qualquer parte dela, os que um dia a descreverem poderão até nos apresentar um quadro muito vivo da cena - mas jamais será uma lembrança. (2006, p. 32-33).

Halbwachs (2006, p. 159) elucida ainda que o lugar desempenha um importante papel na memória coletiva, “o lugar ocupado por um grupo não é como um quadro-negro no qual se escreve e depois apaga números e figuras. Como a imagem do quadro-negro poderia recordar o que nele traçamos, se o quadro-negro é indiferente aos números”, dessa forma, é necessário compreender que o local recebe a marca do grupo e vice-versa.

Com efeito, com as transformações que ocorrem, a aparência da cidade muda; no entanto, Halbwachs (2006, p. 162) enfatiza que “os costumes locais resistem às forças que tendem a transformá-los e essa resistência permite entender melhor a que ponto nesse tipo de grupo a memória coletiva se apoia nas imagens espaciais”.

Consequentemente, leva-se em conta as experiências de vida, vividas e que podem ser relembradas, contribuindo para a realização de pesquisas como esta; que anseiam conhecer, analisar e descrever as memórias, os lugares e as práticas sociais de um grupo, incitando o olhar dos indivíduos tocantinopolinos e visitantes para o conjunto de elementos constituídos no espaço da Orla de Tocantinópolis (Figura 1), como patrimônio histórico e cultural.

A necessidade de escrever a história de um período, de uma sociedade e até mesmo de uma pessoa só desperta quando elas já estão bastante distantes no passado para que ainda se tenha por muito tempo a chance de encontrar em volta diversas testemunhas que encontram alguma lembrança. (HALBWACHS, 2006, p. 101).

Pode-se considerar que sempre que se fala de algum lugar, logo remete-se a aspectos importantes que formaram e continuam formando a identidade do grupo pertencente a esse espaço.

Quando tocamos na época em que já não conseguimos imaginar os lugares nem mesmo confusamente, chegamos também a regiões do passado que nossa memória não atinge. Portanto, não é exato dizer que, para lembrar, é preciso que nos transportemos em pensamento fora do espaço, pois ao contrário é justamente a imagem do espaço que, em função de sua estabilidade, nos dá a ilusão de não mudar pelo tempo afora e encontrar o passado no presente. (HALBWACHS, 2006, p. 189).

Pollak (1992, p. 204) afirma que, pode-se dizer que “a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletivo, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si.” Dessa forma, considera-se que o lugar de memória na Orla de Tocantinópolis constitui um ponto importante nos valores da comunidade, resultando como um aspecto focal na vida do povo tocantinopolino.

Figura 1 - Orla de Tocantinópolis vista do rio Tocantins



Fonte: Letícia Conceição, setembro/2022.

### 3 OS USOS DA ORLA: CIRCULAÇÃO, TRABALHO E SOCIABILIDADE

#### 3.1 A história, uma representação do passado

Geralmente, as cidades se constituem a partir de um amplo sistema simbólico; econômico, religioso e educacional, as autoras Balsan; Nascimento (2020) consideram que pensar a cidade, seus lugares de memória e histórias é a base fundamental para a pesquisa, partindo da ótica da sacralidade dos espaços e suas formas ritualísticas de manutenção, sendo necessário a releitura e rememoração dos lugares e história do povo tocantinopolino.

A cidade de Tocantinópolis ficou popularmente conhecida como “Boa Vista do Padre João” devido à grande influência histórica do padre, logo, a antiga Boa Vista se tornou cenário de inúmeros acontecimentos marcantes. Em 1818 alguns bandeirantes, vindos de Pastos Bons, no Maranhão, com o intuito de procurar indígenas para catequizar, formando o primeiro núcleo social (CORREIA, 1977).

Oliveira (1995, apud SILVA, 2008, p. 137) ressalta que Tocantinópolis “cresceu, pouco, mas firme” e que a mesma “foi aquinhoadada com um Cais, aconchegantes praças, vias públicas totalmente pavimentadas, excelente estádio de futebol e várias quadras esportivas”. No entanto, destaca que este lugar está em débito com seu passado porque não preservou a casa do Padre João que ficava próxima a margem do rio Tocantins, assim como outras construções históricas da cidade. Silva (2008, p. 143) disse que mesmo que “o patrimônio histórico edificado não é conservado”, Tocantinópolis conserva sua tradição cultural e religiosa como a realização das quadrilhas em junho, a celebração do aniversário da cidade no dia 28 de julho. Além do festejo em homenagem à padroeira da cidade que acontece no dia 15 de agosto.

Abordando outra perspectiva sobre a cidade de Tocantinópolis Silva (2008) destaca que o avanço no crescimento da cidade, possivelmente teria exercido uma relação centrífuga para com os indígenas da etnia Apinayé. O antropólogo DaMatta fez pesquisa entre os Apinayé na década de 1970 e faz-se importante citá-lo:

Como consequência, o índio é visto em Tocantinópolis como um ser ambíguo: semiparcela da comunidade humana. O Apinayé, assim, tem várias facetas que correspondem a vários papéis sociais. E muito embora a maioria delas seja negativa, isso já é o começo de um relacionamento mais complexo com a população regional. (DAMATTA, 1976, p. 40)

Como efeito, nota-se nos dias atuais a pouca relação da comunidade tocantinopolina com os Apinayé, que estão presentes em vários ambientes da cidade, como na Orla, nos mercados, na feira municipal e na Universidade. Porém é perceptível as atitudes



discriminatórias para com os indígenas, muitas pessoas trocam de calçada da rua ao vê-los, denominando-os como bêbados, sujos, entre outras ações preconceituosas. Na Orla vê-se pouco a presença dos Apinayé que pode revelar uma invisibilidade dos indígenas em vários espaços e demonstrar a desigualdade social na cidade.

DaMatta (1976, p. 55) destaca:

As relações entre os Apinayé e a cidade são ligações que apresentam a olho nu o sistema de diferenças que marca o quanto falta para Tocantinópolis tornar-se uma verdadeira cidade. Sendo assim, o índio é sempre uma ameaça ao sistema social de um aglomerado urbano que está constantemente clamando sua filiação aos grandes centros do litoral e do interior. Mas as relações com os sertanejos são relações de contato que poderiam ser chamadas rotinizadas. Pois enquanto a visita dos índios a Tocantinópolis é vista como algo exótico e que escapa às estruturas da rotina cotidiano (cf. Weber, 1947: 363), o encontro do índio na zona rural é corriqueira e faz parte destas estruturas da rotina cotidiana.

O município de Boa Vista do Tocantins, atual Tocantinópolis, está situado na margem esquerda do Rio Tocantins, em uma região do Rio Tocantins, em uma região conhecida como “bico do papagaio” no norte do estado de mesmo nome (SILVA, 2008). Visto que a região era fértil e possuía grande quantidade de madeira para a construção de imóveis e partindo dessas qualidades, os habitantes de Carolina – Maranhão também passaram a fazer parte deste novo povoado. Pereira (2012, p. 30) considera como autêntica a história de Pedro Cinzas, no qual aprendeu ainda menino sobre a transição de Boa Vista do Tocantins para Tocantinópolis, descrita como “A verdadeira história”, difundida na rede de ensino primário de Tocantinópolis, que é: Em 31 de julho de 1852, pela Resolução Provincial nº 14, galgou a hierarquia de Distrito, passando a chamar-se Boa Vista do Tocantins.

Pela Lei Provincial nº 2, em 28 de julho de 1858, o Distrito de Boa Vista do Tocantins se elevou à categoria de cidade, quando houve o reconhecimento de Pedro Cinzas como seu fundador. Pelo Decreto-lei estadual nº 1233, de outubro de 1938, Boa Vista do Tocantins voltou a adotar simplesmente o topônimo de Boa Vista, como fora batizada em 1818.

Pelo Decreto-lei estadual nº 8305, de 31 de outubro de 1943, houve a mudança da toponímia Boa Vista para Tocantinópolis.

Ainda durante o século XIX, a principal cidade da região no período era Boa Vista, tendo grande parte de suas atividades ligadas à navegação no Rio Tocantins e às atividades rurais; com a chegada e o envolvimento de alguns padres e coronéis houve algumas revoltas que ocorreram nesse contexto de prosperidade e agitação política.

Em vista disso, entende-se que a posse da terra não é apenas uma questão fundiária, mas definida por costumes e que agregados, peões e meeiros, como trabalhadores que são; possuíam

uma relação com a terra definida, muitas vezes em função de uma lógica de pertença – identitária e cultural – com isso reforçava determinadas alianças e/ou posições.

Esta abordagem sobre o passado, sobre as identidades construídas, nos conduz a uma importante análise: a identidade promove o enraizamento de uma tradição, responsável pela manutenção de costumes, hábitos e crenças. Essa tradição corrobora para a consolidação das histórias de um passado que servirá para a manutenção da tradição no tempo futuro. Nesse sentido, identidades, tradições, histórias e memórias consolidam ou fazem parte de uma mesma ação que estabelece como pontos de análise a existência do homem na ocupação do espaço, com suas histórias e memórias esparsas, criando e fortalecendo possíveis tradições. (BALSAN; NASCIMENTO, 2020, p. 93)

A história e consolidação da cidade de Tocantinópolis está intimamente ligada ao rio, por estar às margens, na qual é um dos principais fatores do desenvolvimento das necessidades humanas cotidianas, esse vínculo também representa outras questões importantes, como: a economia, a cultura local e, o símbolo de luta e determinação.

Essas questões são relevantes para a reflexão sobre a cidade e o rio, uma vez que refletem as memórias e as identidades forjadas na dinâmica do uso deste espaço, ou seja, como o rio impôs determinadas práticas sociais e como essas práticas alimentaram o imaginário local acerca da vida de uma população ribeirinha. Por esse caminho devemos entender algumas dinâmicas sociais da cidade para saber como o rio nelas interfere. (BALSAN; NASCIMENTO, 2020, p. 96)

Assim, é necessário refletir sobre a representatividade desse lugar de memória, que desde a chegada dos primeiros habitantes e as navegações comerciais; deu-se início a movimentação do centro comercial da cidade de Tocantinópolis e região. Diante da sua ligação e localização geográfica, o rio possibilita não apenas o desenvolvimento urbano, econômico e social da cidade, mas também o desenvolvimento de técnicas de navegação, de comércio e agricultura, frente à economia local. Logo, pode-se observar que o saber fazer está intimamente ligado ao saber viver com o rio.

Em relação ao patrimônio histórico, a parte da cidade ocupada ainda no século XIX conserva de forma precária as casas em estilo lusitano. Algumas delas, construídas “em adobe rebocado, [com] pintura a cal, leite e anilina” (OLIVEIRA, 1995: 38), permanecem desde as primeiras décadas do século XX misturadas na paisagem às construções de taipa, e caracterizam-se por assumir a porta de entrada de forma que esta se encontre diretamente com a calçada da rua. Geralmente com duas janelas de frente para o espaço público, esta arquitetura facilita em muito a observação dos transeuntes, ao mesmo tempo em que a parede externa exerce função semelhante aos muros de tijolos, preferidos atualmente na região “nova” da cidade. Mesmo os tijolos pequenos, maciços, eram envoltos em barro de forte consistência, substituídos pelo cimento nas décadas posteriores. (SILVA, 2008, p.139)

Diante disso, Silva (2008) analisa as construções localizadas próximo ao rio Tocantins, que a muito tempo passam por um processo de desvalorização imobiliária. Muitas destas casas podem ser reconhecidas como patrimônio histórico por um olhar estrangeiro, porém muitos moradores consideram como “casas velhas”.

Além das ruínas das casas abandonadas na Orla, é possível observar a pobreza na Orla, quando se tem uma circulação de pessoas da comunidade, pessoas em condição de rua e indígenas são frequentemente flagrados pedindo dinheiro ou comida. Fazendo perceber as diversas faces da história da cidade, do patrimônio e das identidades construídas neste espaço.

Isto posto, partindo dessas memórias cabe elencar algumas formas culturais e identitárias construídas na dinâmica do uso do espaço – Rio e Orla no contexto das grandes navegações; a atual Beira Rio, era conhecida como o centro de Tocantinópolis, onde se concentrava todo o comércio da cidade, ali se encontravam vários tipos de especiarias vindas de outros estados, confecções, órgãos públicos, escolas, igrejas, bordéis, dentre outros. Logo, as festividades, costumes e hábitos; a chegada de figuras públicas importantes e momentos marcantes, os encontros e despedidas são elementos fundamentais e contribuintes para a formação identitária do povo.

Há uma dependência intrínseca entre o rio e a cidade, cada um deles sobrevivendo com o outro. Esta dupla dependência firma, assim, um outro espaço, o espaço de uma cultura que se molda na dinâmica fluida das águas e que encontra no espaço urbano seu lugar de pouso, permanência, diálogo e construção. É no espaço da cidade que se faz presente a elaboração e a preservação de uma cultura ribeirinha, que se funde com o rio ao sabor das vazantes e das cheias, permitindo uma dupla percepção de uma vida urbana dependente dos fluxos sazonais das águas do Tocantins, lugar ímpar onde os heróis se apuravam para narrar suas desventuras náuticas. (BALSAN; NASCIMENTO, 2020, p. 97)

Levando em conta esses fundamentos contribuintes para a formação identitária, entende-se que o patrimônio é uma prática de memória, no qual seu curso caminha com a construção de identidades. Assim, o uso dos espaços – Rio e Orla – se inserem na identidade cultural e social não apenas de Tocantinópolis, mas de boa parte da região do Bico do Papagaio.

### **3.2 Orla, espaço de sociabilidade**

Partindo do fato de que há uma dinâmica de sociabilidade na Orla com possibilidades de interação entre a comunidade local e este espaço de relações e de interesses sociais de variadas maneiras. Simmel (1983) realça em ‘A sociabilidade (exemplo de sociologia pura ou formal)’ que a “forma” está ligada à integração dos indivíduos e o “conteúdo” opera sobre os instintos, interesses, objetivos, dentre outros aspectos relacionados a sociação. Evidencia ainda que “São fatores de sociação apenas quando transformam o mero agregado de indivíduos isolados em formas específicas de ser com e para um outro – formas que estão agrupadas sob o conceito geral de interação” (SIMMEL, 1983, p. 166).

Importante ainda mencionar Simmel (1983, p. 168):

Interesses e necessidades específicas certamente fazem com que os homens se unam em associações econômicas, em irmandades de sangue, em sociedades religiosas, em quadrilhas de bandidos. Além de seus conteúdos específicos, todas estas sociações também se caracterizam, precisamente, por um sentimento, entre seus membros, de estarem sociados, e pela satisfação derivada disso.

França (2014) enfatiza que essa sociação combina diversas maneiras diferentes de interagir em função de seus interesses, sendo neste ponto que se insere o conceito de sociabilidade. Dessa forma, Simmel (1983, p. 169) “Como categoria sociológica, designo assim a sociabilidade como a forma lúdica da sociação. Sua relação com a sociação concreta, determinada pelo conteúdo, é semelhante à relação do trabalho de arte com a realidade”. Diante o exposto, esta parte ressalta a maneira que a Orla é um lugar de sociabilidades. Para estabelecer um contorno evidente sobre a análise feita na Orla, Lousada evidencia que:

[...] Todos os lugares são simbólicos, neles se encontram muitas culturas (as quais estão frequentemente em conflito), e todos os lugares estão em contínua criação e recriação (não são determinados de uma vez por todas), num processo em que a memória desempenha um papel importante na construção da sua identidade. (2008, p.45).

Partindo desse pressuposto, a pesquisa demonstra os variados modos de ver e viver que dá sentido ao espaço da Orla (Figura 2), para isso realça-se a observação e descrição da Orla (Figura 3) nos estudos sobre o espaço de sociabilidade. À vista disso, observa-se que as atuais edificações que rodeiam a Orla de Tocantinópolis (Figura 4), que no essencial, são ocupadas simbólica e estrategicamente por repartições públicas municipais como: a Assistência Social, a Câmara dos Vereadores e até pouco tempo, o Conselho Tutelar.

Figura 2 – Croqui da Orla de Tocantinópolis, 2022



Fonte: Letícia Conceição, setembro/2022.

Figura 3 – Vista ampla da Orla



Fonte: Letícia Conceição, março/2022.

Figura 4 – Vista panorâmica do entorno da Orla



Fonte: Letícia Conceição, março/2022.

Se faz necessário ainda a descrição de como eram esses espaços e como eram usados pela comunidade tocantinopolina e por grande parte da região. Um dos importantes lugares na Beira Rio foi o Mercado Municipal, que funcionou por mais de cinquenta anos sempre com grande movimentação frente a dinâmica das idas e vindas dos navegantes e comerciantes, com as vendas e trocas das diversas especiarias, objetos e confecções vindas de outras cidades do

estado do Tocantins, Pará e Maranhão. Costa e Silva (2014, p. 38) escreveu “Mercado Municipal de Tocantinópolis possuía na sua estrutura várias portas grandes e cômodos para os vendedores” e descreve com meticulosidade como eram as dependências do Mercado:

O Mercado era um casarão que possuía vários cômodos onde ficavam os vendedores. Na parte central não havia telhado era aberto, havia vários pilares no meio onde ficava uma grande caixa d'água que muitas vezes derramava água e em baixo havia uma pia e também um bueiro. Tinha quatro portas grandes de ferro que fechava ao baixá-la e subia quando queria abri-la, havia ainda uma porta larga em cada lado do Mercado que dava acesso a parte central e havia também portas menores que davam acesso aos cômodos (SILVA, 2014, p. 39).

Com o passar dos anos a cidade foi se expandindo e sendo criada outras áreas comerciais e alguns órgãos públicos e instituições foram se espalhando pela cidade “assim como já funcionou, os cartórios, a biblioteca municipal e a Colônia dos Pescadores” (SILVA, 2014, p. 49), da mesma forma a Prefeitura e o Conselho Tutelar antes eram localizados quase em frente ao Mercado; nos dias atuais no prédio do antigo Mercado funcionam dois estabelecimentos, um é a Assistência Social do Município e o outro é um restaurante chamado “Mercados” em referência a memória do lugar.

Para somar a este argumento, Silva (2014, p. 36) diz que:

Nos livros que contam a história da cidade ou da região geralmente o que se acha é no máximo um parágrafo e/ou alguns trechos que tratam sobre o Mercado, mas mesmo encontrando poucas informações elas são essenciais para mostrar que ele, assim como outros lugares da cidade não foram totalmente esquecidos por seus habitantes residindo na memória de muitos.

Reforçando a dificuldade de encontrar documentos antigos, vistos que estes são fontes de grande importância para a história da cidade; no entanto, o que se sabe é que muitos desses documentos foram queimados durante um incêndio nos cartórios que funcionavam no Mercado, assim como aconteceu na prefeitura que se encontrava próximo. Com a perda de muitos documentos os habitantes comentavam os acontecimentos mesmo sem saber quais foram as causas. As pesquisas acadêmicas sobre a cidade e região também sofrem com o limitado acesso de informações documentais sobre a cidade em seus 164 anos.

Por conseguinte muitos moradores relembram as demais repartições como o cinema que se localizava ao lado da Igreja Matriz, os pequenos comércios, os bares e as casas de festas que proporcionavam parte da interação da população no dia a dia, estes hoje localizados na rua Nossa Senhora dos Navegantes em torno da Orla são ruínas, sem ocupações e conservação, abandonadas, as “casas velhas” que antes possuíam fama e agora se encontram sem proteção dos donos e sem a devida visibilidade das políticas públicas de preservação do patrimônio resistente na cidade; dentre outros déficits como a falta de um museu ou uma casa da cultura

para resguardar elementos importantes, documentos e pesquisas; uma biblioteca municipal para que a comunidade tenha fácil acesso as literaturas locais, dessa forma propagando a história da cidade e incentivando a interação entre os indígenas e a comunidade tocantinopolina, sem segregação entre raça, classe e gênero.

Dando seguimento a descrição do espaço, mais próximo da Orla, estão presentes duas ruas íngremes com vista ampla de grande parte da Orla e do Rio Tocantins. Entre as duas ruas se situa a quadra de esporte de esportes – Arena Beira Rio – (Figura 5), reformada recentemente e com grafites nas paredes retratando os diversos tipos de jogos, sem predileção de gênero.

Figura 5 – Arena Beira Rio



Fonte: Letícia Conceição, setembro/2022.

Os locais de sociabilidade no espaço da Orla são organizados de diversas formas, na zona central (Figura 6) ficam bares e restaurantes, se observa bancos feitos de concreto e pintados de verde e branco, disposto em formato circular, acompanhados por ornamentos naturais, como arbustos e árvores, tornando o ambiente agradável durante o dia.

Figura 6 – Zona central da Orla



Fonte: Letícia Conceição, junho/2022.

Observamos a assimetria que há entre os bar e restaurante (Figura 7) que se localiza na parte superior do Cais com os bares localizados na parte inferior. O bar e restaurante tem seu horário de funcionamento comumente a noite, na parte inferior possuem sete bares com seus horários de funcionamento livre (Figura 8), ficam abertos durante o dia e a noite, parte dos proprietários desses bares são antigos navegantes e/ou pescadores; atualmente ao lado dos bares se encontra uma barbearia que antes se localizava próximo a uma das ruas íngremes da beira rio, compreende-se que estes estabelecimentos transmitem bem-estar, tornando-os espaços de relações, envoltos pela hospitalidade e acolhimento, sendo assim fundamentais para a prática da sociabilidade e formação de identidade local.



Figura 7 – Bar e Restaurante na parte superior da Orla



Fonte: Letícia Conceição, junho/2022.

Figura 8 – Bares em funcionamento em temporada de praias



Fonte: Letícia Conceição, julho/2022.

Certeau (2008) ressalta que, as pessoas que usufruem os espaços de sociabilidade formam redes que compõem a estrutura urbana, tendo em vista os traços, trajetórias, idas e vindas, densidades e vazios, lugares apenas de passagem e desocupação de outros. A partir das práticas do cotidiano, as pessoas criam e recriam o espaço a seus modos, por conseguinte, realça que o espaço é construído e modificado por meio das práticas sociais, relatos de espaço, ocasiões significativas, memórias partilhadas entre outras conexões que constituem a estrutura

da cidade e suas organizações, assim como o modo individual da apropriação e o modo coletivo da estrutura do espaço.

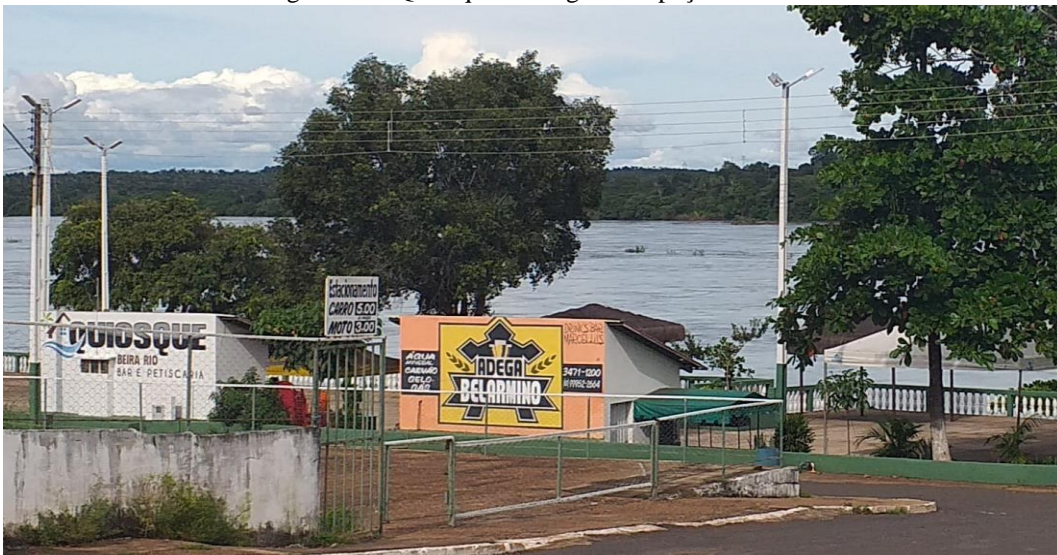
Ao lado esquerdo dos bares da Orla, existe um espaço livre – Espaço Cultural – (Figura 9) e que de modo habitual usam para a realização de shows, atividades físicas como zumba, dentre outras atividades. Nesta mesma área, atualmente foram construídos dois estabelecimentos, (Figura 10) que vendem e atendem a comunidade local, ainda no mesmo ambiente, são colocados brinquedos para as crianças se divertirem, como os conhecidos pula-pula e escorregador inflável (Figura 11).

Figura 9 – Espaço Cultural em dia de evento Moto-Show



Fonte: Letícia Conceição, setembro/2022.

Figura 10 – Quiosque e Adega no Espaço Cultural



Fonte: Letícia Conceição, março/2022.

Figura 11 – Espaço de diversão para crianças



Fonte: Letícia Conceição, setembro/2022.

Ainda na parte esquerda da Orla, permanece a organização de diversos bancos dispostos em círculos e as grandes árvores que contribuem para um ambiente arejado (Figura 12), possibilitando às pessoas o hábito de fazerem caminhadas e ciclismo nesta parte da Orla.

Figura 12 – Espaço de socialização em formato circular



Fonte: Letícia Conceição, junho/2022.

Seguindo para a parte direita da Orla, espaço com grande movimentação e sociabilidade e de forma congruente formadora de identidade; o cotidiano e as festas se enraízam nestes locais. Ambientes como o Quadrilhódromo (Figura 13), estações de barcos e balsa (Figura 14), a presença do barco estático (Figura 15) ao lado do conhecido Bar da Ritinha (Figura 16) e o final da Orla (Figura 17) repleto de bancos e uma mesa para ping-pong (Figura 18).

Figura 13 – Quadrilhódromo



Fonte: Letícia Conceição, março/2022.

Figura 14 – Estação dos Barcos e da Balsa



Fonte: Letícia Conceição, agosto/2022.

Figura 15 – Barco utilizado no tempo das grandes navegações, hoje estático



Fonte: Letícia Conceição, março/2022.

Figura 16 – Bar da Ritinha<sup>2</sup>



Fonte: Letícia Conceição, março/2022.

---

<sup>2</sup> Atualmente o estabelecimento não está em funcionamento devido ao sedimento de parte do Cais causado pelas intensas chuvas na região no mês de dezembro de 2021.

Figura 17 – Espaço de sociabilidade



Fonte: Letícia Conceição, março/2022.

Figura 18 – Jovens jogando Ping Pong



Fonte: Letícia Conceição, março/2022.

Assim como nos vídeos e fotos encontradas nas redes sociais – Instagram e Facebook – e na plataforma Youtube, que demonstram diversos aspectos do cotidiano tocantinopolino, as histórias, imagens e relatos de antigos moradores da cidade contribuem para a lembrança do passado e reforçam a compreensão do hoje. Como visto nas redes sociais, percebemos também que com o fim do dia se aproximando, sempre há muitas pessoas pescando em vários pontos da

Orla, fazendo caminhada, os jovens se divertem na mesa de ping pong, outras pessoas aproveitam para se reunir com a família e amigos para conversar em frente de casa e os barqueiros também já estacionam seus barcos para o fim do expediente. Estes elementos corroboram para a prática e representação do patrimônio histórico e cultural que há na Orla de Tocantinópolis.

Diante o exposto, percebe-se que há uma grande movimentação durante os dias do meio da semana em que muitas pessoas atravessam o rio para trabalho e/ou estudo; a dinâmica no ritmo de trabalho dos barqueiros, da balsa, dos taxistas e moto-taxistas, dos/as pescadores/as, dos banhistas, dos/as lavadeiras de roupas, dos comerciantes, e das pessoas que usufruem o espaço para fazer caminhadas, esportes e a noite comumente nota-se os namoros, muitos casais costumam se encontrar nas partes escuras da Orla, com a presença das belas vistas do rio e dos bons ventos que a Beira Rio oferece.

Durante os finais de semana a população habitualmente usufrui dos bares no decorrer de todo o dia e do banho de rio, reunindo-se entre famílias e amigos. Também há uma grande demanda do trabalho dos barcos e da balsa nesses dias, pois muitas pessoas atravessam o rio para passear em Porto Franco - MA ou em outras cidades.

Analisa-se também a interação da população nas demais festividades que ocorrem na Orla, precisamente no espaço cultural como o aniversário da cidade, em 28 de julho, momento que reúne grande parcela dos habitantes, sempre com shows de cantores da atualidade e diversas atrações que envolve a comunidade; muitas pessoas arrumam suas barracas para venda de bebidas, comidas, brinquedos para crianças e catadores/as de latinha. No dia seguinte evidencia-se a presença dos garis realizando a limpeza do local e de outras pessoas desmontando as estruturas do palco. Outra comemoração é o carnaval, festa que, no entanto, é pouco impulsionada na cidade, algumas pessoas costumam ir para a Orla e se divertirem com os sons dos carros, porém a grande maioria da comunidade tocantinopolina atravessa o rio para participarem do carnaval em Porto Franco - MA.

Dessa forma, revela-se como o rio impacta na vida das pessoas, seja no dia a dia, nas festividades, nas relações de trabalho e afetivas, e o primeiro e último contato dos visitantes, para aqueles que buscam uma nova vida em Tocantinópolis e aos que tiveram a chance de morar nessa cidade e por algum motivo tiveram que partir.

Logo, tendo em vista que a construção identitária tocantinopolina é fruto de redes de sociabilidade, associadas na vivência laboral, no cotidiano e no lazer, constata-se que a dinâmica de sociabilidade e as práticas realizadas no espaço da Orla corroboram para a representação e preservação do patrimônio imaterial existente na cidade.

“Quando um grupo humano vive por muito tempo em um local adaptado a seus hábitos, não apenas a seus movimentos, mas também seus pensamentos se regulam pela sucessão das imagens materiais que os objetos exteriores representam para ele” (HALBWACHS, 2006, p. 163). No caso da Orla de Tocantinópolis que é um dos pontos da cidade que exerce influência sobre os moradores e visitantes que a ela frequentam e visitam.



## 4 PRÁTICAS SOCIAIS CRIADORAS DE MEMÓRIA E IDENTIDADE COLETIVA

### 4.1 A cultura popular

Tocantins dispõe de um rico acervo histórico-cultural que deve ser catalogado, onde o pesquisador vai encontrar o ativismo e o empirismo nas técnicas de domínio da natureza, como mobiliários, utensílios de trabalho e do lar, folia, cozinha típica e manifestações folclóricas deixadas pelos antepassados. Há sinais de ruptura das tradições seculares, exigindo-se, enquanto é tempo, um estudo que trace com esmero um retrato cultural e histórico. (SILVA, 1997, p. 100)

À vista disso, é necessário evidenciar as práticas sociais criadoras de memória e identidade, percebidas como elementos importantes para a compreender como essas relações se dinamizam no espaço da Orla enquanto patrimônio histórico e cultural. Por conseguinte, torna-se imprescindível a análise e descrição das festas populares – Festa Junina e Procissão da Nossa Senhora dos Navegantes – assim como a sociabilidade e o saber-fazer da comunidade que frequenta o espaço da Orla da cidade no cotidiano e em datas comemorativas. Para isso, é fundamental saber, como afirma Bandeira (2003, p.109)

As mudanças acontecem, comumente, nas condições naturais, com o domínio do ambiente, e nos costumes dos homens, com a presença de novas ideias. Toda ideia nova contraria um sistema antigo, tradicional. O que não se pode é deixar que a ideia nova aniquile e aliena, por todo, os princípios de uma tradição.

Observa-se que com a mudança de tempo, novas configurações de infraestrutura se estabelecem e novos atores sociais surgem modificando alguns aspectos do cotidiano e das festividades. Bandeira (2003) ressalta o temor do fim das tradições existentes na cidade. Arantes (2004, p. 19) chama a atenção para as modificações e atualizações que são realizadas nos elementos tradicionais de uma cultura.

Procurando-se “reproduzir” objetos e práticas supostamente cristalizados no tempo e no espaço, acaba-se por “produzir” versões modificadas, no mais das vezes esquemáticas, estereotipadas e, sobretudo, inverossímeis (aos olhos dos produtores originais) dos eventos culturais com os quais se pretende constituir o patrimônio de todos. Embora se procure ser fiel à “tradição”, ao “passado”, é impossível deixar de agregar novos significados e conotações ao que se tenta reconstituir. Isso é inevitável, porque a própria reconstituição é informada por e é parte de uma reflexão sobre a história da cultura e da arte que, em grande medida, escapa aos produtores “populares” da cultura.

A cultura popular tradicional é constituída por bens simbólicos criados pelo povo, normalmente com baixo poder aquisitivo, representando um conjunto de saberes, sejam eles a arte, a dança, a música, a festa, a literatura, dentre outras manifestações culturais. Abreu (2003, p.84) destaca que "desde o final do século XIX, no Brasil a expressão cultura popular esteve presente em uma vertente do pensamento intelectual, formada por folcloristas, antropólogos,

sociólogos, educadores e artistas, preocupada com a construção de uma determinada identidade cultural." E ressalta que é importante considerar a cultura popular como um instrumento que serve para auxiliar, não no sentido de resolver, mas no de colocar problemas, evidenciar diferenças e ajudar a pensar a realidade social cultural nas suas diversas formas.

## 4.2 Tradição na Orla

Entende-se por tradição inventada um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual e simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. (HOBSBAWM, TERENCE, 1997, p. 9)

Diante a contribuição de Hobsbawm; Terence (1997), compreende-se que as tradições são passadas de geração a geração, sendo muitas vezes transmitidas oralmente através das práticas culturais realizadas e pela literatura local que contribui para preservação e manutenção da memória do passado. Neste sentido, a tradição na Orla é destacada a partir das atividades culturais e religiosas que são muito presentes no cotidiano tocantinopolino. De acordo com Funari e Pelegrini (2008, p. 82) “As expressões culturais constituem um dos mais intensos exemplos da criatividade e da persistência das tradições das diversas etnias que se entrecruzam e formaram a nação brasileira.”

Funari; Pelegrini (2009, p.44) cita Le Goff “[...] Como advertiu Jacque Le Goff: o que sobrevive enquanto memória coletiva de tempos passados não é o conjunto dos monumentos e documentos que existiram, mas o efeito de uma escolha realizada pelos historiadores e pelas forças que atuam em cada época histórica.” A partir disso, buscamos conhecer a Festa Junina e a Procissão da Nossa Senhora dos Navegantes, sua origem e como se tornou tradição para os moradores tocantinopolinos.

Os dados obtidos sobre esse festejo são resultados de uma pesquisa feita durante o trabalho de campo em 2019, juntamente com a participante do Grupo de Pesquisa CEP (Cultura, Educação e Política: Patrimônios, Tecnologias, Ruralidades e Gestão) Rafaela Coutinho de Souza para um trabalho apresentado na disciplina de Cultura, Política e Patrimônio, do curso de Ciências Sociais.

#### 4.2.1 Festa Junina

Com o apoio da monografia de Elaine Marinho (2015) “Arraiá da Alegria: Tradição e competição na festa Junina de Tocantinópolis-TO”, apresentada à Universidade Federal do Tocantins, Campus de Tocantinópolis, a autora descreve de forma detalhada a competição e a importância de competir no Quadrilhódromo localizado no espaço da Orla. Especifica ainda que, o festival junino já faz parte do calendário da cidade desde o final da década de 1980 e se estende até os dias atuais.

Demonstra ainda a origem da festa e como se tornou tradição na cidade, para Marinho (2015, p.27) “a quadrilha Junina teve sua origem nas ruas, colégios e quintais das casas. Eram formadas por alunos, pessoas que moravam na mesma rua, pela família, dançavam apenas pela alegria da festa, sem espírito competitivo”.

A partir dessa brincadeira contínua que movimentava a cidade, se originou o Quadrilhódromo; que conseqüentemente, o então prefeito da época José Bonifácio, no primeiro mandato iniciou a construção do Cais (Orla) também chamada “Beira Rio” onde se encontra a estrutura do Quadrilhódromo destinada às competições de quadrilhas Juninas.

Ainda segundo Marinho (2015) esse evento foi criado em 1988 e vem se estendendo até os dias atuais, um festival que se tornou tradição na cidade, e que recebe quadrilhas de todo o estado do Tocantins, como também de outros estados vizinhos. Bandeira (2003) informa que José Bonifácio toma posse para o primeiro mandato em 1989 e constrói na Beira Rio, o Cais e a estrutura do primeiro Quadrilhódromo. Neste mesmo ano foi criado o Arraiá da Alegria de acordo com as informações obtidas no livro e nas informações dos entrevistados.

Sendo importante ressaltar, Marinho (2015) que para as quadrilhas é importante competir no Quadrilhódromo porque é o único Quadrilhódromo do estado, em conjunto com outros motivos que foram ditos: como uma forma de levar a palavra de Deus na quadrilha; mostrar que bairro periférico também tem cultura e, por fim, porque se trabalha com os jovens de outra maneira, isto é, dançando.

Eliumira Santos (2014) também apresenta em sua monografia “As festas juninas de Tocantinópolis-TO: voltando ao passado para entender o presente” a festa como forma de registrar e recontar como o movimento começou, como se formou e como estava até o período da pesquisa. Ressalta que, “a festa Junina do município de Tocantinópolis - TO tem expressão e relevância ímpar para a cidade, de forma que podem ser tomadas como pontos de referência ao analisarmos a cultura” (SANTOS, 2014, p. 19).

No cenário atual de 2022 a cidade celebraria o 34ª “Arraiá da Alegria”, no entanto, com o distanciamento social estabelecido desde o ano de 2020 em virtude da pandemia da Covid-19 não foi possível a realização do evento. Entretanto, em abril de 2022, com o baixo índice de casos da Covid-19 é decretado o fim da obrigatoriedade do uso de máscaras e a retomada de diversas atividades presenciais na cidade; com isso, a prefeitura de Tocantinópolis juntamente com a Secretaria Municipal de Educação e Cultura (SEMEC) anunciaram em suas contas do Instagram e no site da Prefeitura o retorno das juninas (Figura 19), sendo a 32ª, mesmo sem a tradicional disputa, declarando que é uma forma do município resgatar a cultura da região e o primeiro passo para o breve retorno em definitivo da referida festa.

Figura 19 – Post do retorno do Arraiá da Alegria



Fonte: Prefeitura de Tocantinópolis, maio/2022.

Santos (2014) reforça que o resultado da sua pesquisa revela que mesmo deixando o aspecto tradicional, as festas juninas em Tocantinópolis não perderam sua essência principal que são as apresentações e a participação das quadrilhas no evento que se tornou tradição e cultura local para o município.

Considerada uma das festividades tradicionais mais antigas da cultura tocantinopolina, o “Arraiá da Alegria” Festa Junina em Tocantinópolis realizou a sua 32ª edição no período de 24 a 26 de junho de 2022.

Na primeira noite, 24 de junho, aconteceu a abertura da festa junina, com atrações de grupos locais (Figura 25), como escolas, Caps e grupos indígenas com o ritual da tora grande, muito conhecido como a corrida de tora. Alves Torres; Costa (2020, p. 5) destaca que “O povo indígena Apinajé realiza e cultua rituais tradicionais. O ritual da tora grande é cultuado para homenagear os falecidos. Ele se resume em um processo que as pessoas saem da rotina cotidiana da aldeia e embarcam no simbolismo”. E especifica como é realizada, “Os homens usam enfeites feitos pelas mulheres, durante a corrida, para a estética dos corredores. [...] Os homens saem correndo com a tora de buriti que pesa, aproximadamente, entre 50 a 60 kg, revezando as toras entre os partidos”. (ALVES TORRES; COSTA, 2020, p. 7). Após a apresentação no Quadrilhódromo os indígenas saíram correndo e cantando com as toras nos ombros pela rua Nossa Senhora dos Navegantes e subiram em uma das ruas íngremes até chegarem em frente a Assistência Social onde se encontrava o ônibus que a disposição para os levarem até as aldeias.

Além das atrações no Quadrilhódromo, os moradores e visitantes puderam aproveitar o ambiente decorado pela prefeitura municipal (Figuras 20 e 21) para registrar fotografias com amigos e familiares, sendo um lugar de encontros e brincadeiras. A renda nesses dias para os comerciantes locais com a venda de comidas típicas, bebidas e brinquedos (Figuras 22, 23 e 24) também são registrados como elementos importantes para a realização e simbolização da festividade no espaço da Orla.

Figura 20 – Entrada do Evento Junino



Fonte: Letícia Conceição, junho/2022.

Figura 21 – Espaço ornamentado para fotos



Fonte: Letícia Conceição, junho/2022.

Figura 22 – Comercialização de comidas típicas



Fonte: Letícia Conceição, junho/2022.

Figura 23 – Barracas de comerciantes locais



Fonte: Letícia Conceição, junho/2022.

Figura 24 – Comercialização de bebidas



Fonte: Letícia Conceição, junho/2022.

Figura 25 – Apresentação de Escolas Municipais



Fonte: Letícia Conceição, junho/2022.

Na segunda noite, 25 de junho, continuaram as apresentações dos grupos juninos da região como Palmas, Xambioá - TO, Estreito - MA e o aclamado grupo tocantinopolino – Os filhos da Boa Vista com o tema “Ai que saudade que eu sinto das noites de São João” (Figura 26) retratando a euforia de estarem comemorando novamente depois de dois anos sem a Junina e evidenciando a alegria de estarem reunidos naquela data e espaço tão simbólicos e que fazem parte de suas identidades.



Figura 26 – “Os filhos da Boa Vista” com o tema estampado no traje



Fonte: Letícia Conceição, junho/2022.

Na terceira noite, 26 de junho, com o encerramento da junina, o grupo da cidade de Nazaré - TO fechou com “chave de ouro” as atrações, apresentando sua história e fazendo um recorte sobre a antiga Boa Vista do Padre João, atualmente Tocantinópolis (Figura 27). Muitos dos espectadores puderam relembrar as memórias passadas e aos mais novos, puderam conhecer de uma forma didática a história, belezas e encantos da região do Bico do Papagaio (Figura 28).

Figura 27 – Apresentação retratando a história da Região do Bico do Papagaio



Fonte: Letícia Conceição, junho/2022.

Figura 28 – Apresentação de dança do grupo de Nazaré-TO



Fonte: Letícia Conceição, junho/2022.

É importante ressaltar que ao final das três noites de festa, houve apresentações de cantores locais, promovendo grande interação entre as pessoas e evidenciando a prática de sociabilidade (Figura 29) que ocorre há muito tempo no espaço da Orla.

Figura 29 – Socialização após as apresentações juninas



Fonte: Letícia Conceição, junho de 2022.

Para somar ao trabalho, foi realizada entrevista composta por duas perguntas e destinadas a duas pessoas; sendo uma, moradora tocantinopolina de 47 anos, e um visitante de 26 anos.

As perguntas foram:

- Qual é a sua visão sobre o evento junino?
- Qual é a sua visão sobre a sociabilidade no espaço da Orla no cotidiano?

As respostas:

**Participante do evento, 47 anos.** Eu moro aqui desde menina e esse evento junino é esperado pela população todos os anos, tanto que ficou dois anos parado devido a pandemia; na quinta-feira, antes de começar o evento já tinham cadeiras espalhadas na beirada do Quadrilhódromo, esperando o evento. É um evento muito bom, além da tradição, mas a questão financeira, traz alegria, o contato com as pessoas, é muito bom.

Sobre a sociabilidade, é muito bom, pois na beira do rio sempre tem gente, sexta, sábado e domingo. É um lugar onde a gente se encontra e todo mundo se distrai, tem gente boa, tem gente que vem para brigar e causar confusão, mas é muito bom.

**Participante do Evento, 26 anos.** Eu percebi que o evento, por ser um evento que acontece anualmente na cidade, ele tem a capacidade de integração e articulação de toda a comunidade e de toda a população de Tocantinópolis também, independentemente da classe social. Pude notar que, quer pessoas dos extratos sociais mais altos, quer pessoas dos extratos sociais mais baixos participam deste evento. Parece que o evento tem um significado histórico muito relevante para a cidade e tem essa capacidade de articulação de toda a comunidade.

Sobre a sociabilidade, com uso do espaço da Orla, as pessoas acabam aparentemente se tornando mais próximas, justamente após a quadrilha, as pessoas dançam e parece ser uma forma de integração dessas pessoas.

#### 4.2.2 Procissão Fluvial Nossa Senhora dos Navegantes

A Procissão é um evento partilhado com os festejos religiosos da santa padroeira da cidade, realizado no mês de agosto, com o intuito de homenagear e honrar Nossa Senhora dos Navegantes que foi trazida do Rio de Janeiro. Assim, sempre ao final dos festejos, a comunidade devota saía em embarcações enfeitadas até a Ilha da Santa, localizada no meio do Rio Tocantins, para realizar as celebrações e o recebimento de bênçãos aos barcos e barqueiros.

E, em homenagem àqueles que almirantes que muito contribuíram para o desenvolvimento de Tocantinópolis e de todo o norte goiano, desafiando, com a própria vida, os penhascos íngremes das cachoeiras, Padre Martins<sup>3</sup> premiou-os com a santa de suas proteções. (BANDEIRA, 2003, p. 38)

Segundo os dados coletados em 2019, essa comemoração era marcada por um dia inteiro de festa. Começou às 07h30 com o deslocamento da comunidade por meio de transporte fluvial gratuito neste dia, da Beira Rio até a Ilha da Santa, que ao chegarem participavam da missa, em seguida era servido um abundante café da manhã, disponibilizado pela gestão municipal, cantavam, dançavam e soltavam foguetes, incluindo o banho de praia no qual aproveitavam o resto do dia. Logo, quando chegava à noite, a imagem era levada de volta para a Igreja Matriz, onde todos se reuniam para a última reza do dia.

---

<sup>3</sup> Padre Martins esteve na função de vigário da Paróquia, sendo lembrado como um extraordinário pároco.

Wanderlam dos Santos, barqueiro entrevistado, ao lembrar-se das festividades do Dia dos Barcos e Barqueiros, relata um pouco sobre a interrupção dessa celebração, causada por um acidente entre dois barcos levando a óbito algumas vítimas. Passados vários anos sem a procissão, o barqueiro Wanderlam, resolveu então, buscar o resgate da fé e tradição da cidade e fomentar a alegria e o orgulho dos barqueiros. Logo, foi ao prédio da prefeitura e reivindicou a volta da cultura a qual era pertencente juntamente com os demais colegas de profissão.

Com o apoio da Prefeitura, após 53 anos, é retomado em 2017 as festividades e celebrações, com a ajuda financeira dos barqueiros repassada à Igreja Matriz para a realização do evento e a prefeitura municipal também retoma o seu lugar na comemoração. Considerando que a Orla (lugar) juntamente com as celebrações são referenciais culturais do povo tocantinopolino, Funari; Pelegrini (2009) reitera que, “os rituais e as festas marcam a vivência coletiva do trabalho, da religiosidade, do entretenimento e de outras práticas da vida social”.

Maria Laura Cavalcante (2021) em seu livro “A falta que a festa faz” busca entender os efeitos das medidas de isolamento social sobre as festas, profissões e sustento. Pretendendo mostrar como a ampla interrupção dos eventos presenciais de cantoria durante a pandemia impeliu repentistas a investir mais estrategicamente nos canais de internet como meio de manter sua arte, seu trabalho e a relação com o público. Acrescenta ainda que a redução abrupta dos eventos com o público afetou a principal fonte de renda dos poetas profissionais, bem como essas redes de relações.

Para Cavalcante (2021, p. 280) a principal alternativa buscada foi a mesma de muitos outros músicos e artistas: as transmissões ao vivo via internet, sobretudo no Facebook e Youtube – as chamadas *Lives* ou cantorias online, que não foram novidades para os repentistas. Muitos já as realizavam com frequência ao transmitir em vídeo e ao vivo seus programas de rádio em suas “redes sociais” do estúdio a partir de seus smartphones.

Com o advento da Pandemia da Covid-19, “a ausência de políticas públicas coordenadas nacionalmente para o enfrentamento da pandemia tem sido trágica em diversos aspectos, entre os quais também a garantia de renda para os que tiveram seus ofícios prejudicados pelas necessárias medidas de isolamento social”. (CAVALCANTE, 2021, p. 284). Diante disso, afirma-se ainda que:

As festas trazem consigo uma forma especial da temporalidade, fortemente ligada à experiência vital compartilhada e cheia de conteúdos cognitivos e afetivos. Entrecruzam o calendário histórico que segue sempre em frente e, nele situadas, o transcendem iluminando cosmovisões e insistindo em retornar “no ano que vem”. Sua culminância na data festiva é prenehe de simbolizações, dramas sociais e performances, formas expressivas e linguagens artísticas. Desdobramentos teóricos e metodológicos trazidos pelos estudos das festas permeiam as ciências sociais e humanas. (CAVALCANTE, 2021, p. 15)

Lopes (2021, p. 34) descreve em sua dissertação sobre as “Festas religiosas: Identidade, memória, música e desenvolvimento nos festejos da Missão em Dianópolis- TO” que:

Hoje as relações são mediadas pelos recursos tecnológicos em detrimento do contato direto e do calor humano, favorecendo uma carência latente de laços afetivos presenciais de abraços, de conversas, de trocas pessoais, enfim, do social. Esse modo de vida também chegou ao sertão, porém devido ao conjunto de práticas e valores estruturantes, centrados na família, no trabalho, na fé e na terra, o modelo de vida dessas comunidades continua tendo como base os vínculos de solidariedade, de companheirismo e de parentesco.

Dessa forma, evidencia-se que as festas populares realizadas na Orla; como descritas acima, reforçam os laços afetivos entre as famílias, amigos, turistas e a comunidade em geral. Tais práticas sociais criadoras de memória e identidade coletiva são imprescindíveis para o fortalecimento e preservação do patrimônio histórico e cultural na Orla de Tocantinópolis.

Esses elementos fomentam uma memória coletiva da festividade, também, do lugar e, por meio desta memória, é possível entender as condições representativas que envolvem as pessoas na festa, possibilita identificar o que é comum e de reconhecimento de todos como as rezas, os cantos, as danças, as rodas, os benditos e demais saberes tradicionais. (LOPES, 2021, p.35)

À face do exposto, apresenta-se adiante o retorno das festividades no ano de 2022, após dois anos de isolamento social, ocasionado pela pandemia da Covid-19. Também considerada uma das festividades mais antigas das expressões religiosas da cidade. Do ponto de vista da cultura, a religiosidade pode ser considerada um conjunto de atividades que se articulam com as crenças e os rituais. (FUNARI; PELEGRINI, 2008, p. 85).

Por influência disso, em 2022 se realizou novamente mais uma procissão fluvial, momento este que marca a retomada da tradição, sendo ressaltada aqui como patrimônio imaterial, evento que por muitas vezes tem sido ameaçado, quer seja por acidentes, quer seja por pandemia. “A imaterialidade dos sentimentos religiosos associa-os, de forma muito direta, ao patrimônio cultural imaterial ou intangível” (FUNARI; PELEGRINI, 2008, p. 84). A volta da procissão em 2022 foi regada de emoções, uma vez que se reuniam em ações de graças pela vida e bênçãos recebidas, ora pela lembrança e homenagem aos que partiram devido às complicações da Covid-19.

Em 15 de agosto de 2022, às 06 horas a cidade foi acordada ao som do sino da catedral de Nossa Senhora da Consolação e pelos longos minutos de estouros de foguetes que anunciavam o início da procissão, ao qual os fiéis se deslocaram da Igreja da N. S. da Consolação até a estação da balsa. Ao chegarem à estação, os fiéis e a imagem da Santa Nossa Senhora da Consolação embarcam nos barcos e balsa (Figuras 30) enfeitados neste dia com

balões azuis, brancos e amarelos (Figura 31) entoando cânticos e rezas durante o percurso até a Praia da Santa. (Figura 32).

Figura 30 – Santa Nossa Sra. da Consolação embarca na estação da balsa



Fonte: Letícia Conceição, agosto/2022.

Figura 31 – Fiéis embarcando nos transportes fluviais



Fonte: Letícia Conceição, agosto/2022.

Figura 32 – Fiéis entoando cânticos durante a procissão



Fonte: Letícia Conceição, agosto/2022.

Durante a procissão fluvial, o barco que leva a imagem da santa e as autoridades da igreja (Figura 33) vai na frente e os demais barcos seguem atrás em fileira (Figura 34) dando uma grande volta pelo Rio Tocantins.

Figura 33– Barco com a Santa e autoridades eclesíásticas



Fonte: Letícia Conceição, agosto/2022.



Figura 34 – Barcos seguindo em fileira



Fonte: Letícia Conceição, agosto/2022.

Ao chegarem à praia da Santa (Figura 35), a missa é celebrada (Figura 36) em direção à imagem da Santa Nossa Senhora dos Navegantes (Figuras 37 e 38). O momento é repleto de cânticos, rezas, lágrimas, sorrisos e palavras de conforto pelos padres presentes.

Figura 35 – Fiéis desembarcando na praia da Santa



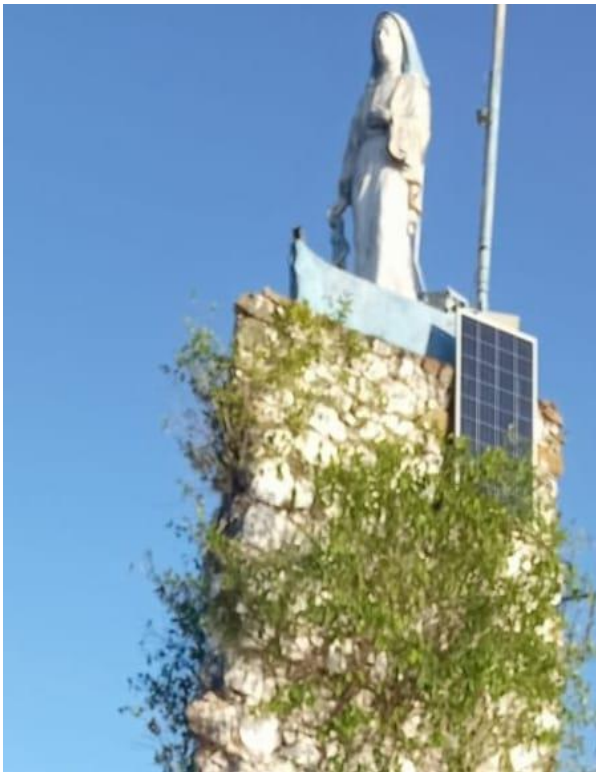
Fonte: Letícia Conceição, agosto/2022.

Figura 36 – Realização da missa



Fonte: Letícia Conceição, agosto/2022.

Figura 37 – Santa Nossa Sra. dos Navegantes



Fonte: Letícia Conceição, agosto/2022.

Figura 38 – Santa Nossa Sra. da Consolação



Fonte: Letícia Conceição, agosto/2022.

No encerramento da missa foi cantado o hino municipal de Tocantinópolis. Um hino que demonstra ser curto, no entanto retrata a história, a grandeza das belezas naturais e o orgulho de pertencimento tocantinopolino.

### **Hino de Tocantinópolis - TO<sup>4</sup>**

Letra: Alfredo Maranhão

Melodia: Cristóvão Lopes

\*

Beijando as águas Tocantinas

Na orla de um palmeiral,

Está a linda Boa Vista

Sempre altaneira e sem rival.

Cidade onde o progresso impera,

Orgulho dos Tocantinenses,

O seu destino está talhado

Na grandeza de um futuro abençoado.

E lá no centro está o babaçu,

Na terra o mineral,

Na mata o cumaru.

Terra feliz, terra do Padre João,

No corpo do Brasil

Habita o coração.

Após o hino ser cantado, os barqueiros e demais fiéis recebem as bênçãos e logo formam uma enorme fila para tomarem o café da manhã (Figura 39); muitos aproveitam para conversar e tirar fotos com as santas.

---

<sup>4</sup> Disponível em: <<https://youtu.be/Mkj3LCSY4oM>>. Acesso em: 18 set. 2022.

Figura 39 – Fila para o café da manhã



Fonte: Letícia Conceição, agosto/2022.

Ademais, com a distração dos fiéis após a missa, fiz duas entrevistas para este trabalho, uma senhora de 44 anos de idade e outra de 60 anos; com o apoio das gravações de áudios através do equipamento smartphone (celular) foram feitas duas perguntas, sendo estas:

- Qual é o sentimento de pertencimento desta cultura?
- Qual é a importância deste evento?

As respostas:

**Participante do Evento - 44 anos:** Eu só tenho que agradecer a Deus, eu vim pra cá em 1985; então faz anos, eu tinha 6 anos, ia fazer 7 e minhas bênçãos aqui com toda minha família foram muito maravilhosas, nós fomos muito abençoados aqui, graças a Deus. Sobre a importância: O evento é muito importante, eu não deixo de participar, todos os anos eu participo, enquanto eu tiver aqui, eu tô erguendo essas glórias que Deus dá pra gente.

**Participante do Evento - 60 anos:** É uma tradição de muitos anos, eu comecei a participar agora esses cinco anos atrás, isso é uma expressão de fé do povo, a cultura é uma expressão de fé. Sobre a importância: Muitas pessoas não acreditam, outras entram só pra participar do movimento, mas pra maioria, é uma expressão de fé, é uma tradição que já têm há muitos anos e aqueles que acreditam sempre gostam de estar participando.

Ao fim do café da manhã, os fiéis retornam para dentro dos barcos e seguem novamente o percurso fluvial com destino à Orla (Figura 40). Ao chegarem na estação muitos se dispersam e outros seguem a procissão até a Igreja (Figura 41), momento em que todos podem ir para suas casas atentos para a última missa do festejo que ocorre durante a noite (Figura 42).

Figura 40 – Retorno para a Orla



Fonte: Letícia Conceição, agosto/2022.

Figura 41 – Retorno para a Catedral



Fonte: Letícia Conceição, agosto/2022.

Figura 42 – Encerramento da Procissão



Fonte: Letícia Conceição, agosto/2022.

Delgado (2010, p. 62) considera que “Identidades, representações e memórias encontram-se inter-relacionadas. Por meio da memória, as comunidades e os indivíduos podem, por exemplo, resgatar identidades ameaçadas e construir representações sobre sua inserção social e sobre sua cultura.” Em face do exposto, as festividades, a sociabilidade e o saber-fazer no espaço da Orla de Tocantinópolis são entendidos como elementos transdisciplinares na compreensão de patrimônio na Orla. Notabilizando ainda a importância de registrar legalmente os elementos apresentados no decorrer da pesquisa, elementos estes que em conjunto formam o patrimônio histórico e cultural da cidade; anseia-se também que as políticas públicas, a comunidade e as pesquisas acadêmicas estabeleçam uma união e consequentemente criem forças para reconhecer, preservar e valorizar o patrimônio imaterial de Tocantinópolis.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho de conclusão de curso teve como finalidade analisar o patrimônio histórico e cultural na Orla de Tocantinópolis, percebendo que os elementos apresentados no decorrer da pesquisa fazem parte da vida dos moradores e influenciam diretamente na formação identitária local. A inter-relação entre o espaço da Orla, os órgãos públicos ao redor da mesma, a sociabilidade, as tradições e a memória coletiva do passado são compreendidas como patrimônio histórico e cultural, mesmo que ainda não tenham sido registradas como bens imateriais pelo poder público.

No Brasil, a ideia de patrimônio não se compõe apenas de edifícios e obras de arte erudita, estando também presente no produto da alma popular, remonta aos anos 1930 e se concentrava no projeto que o poeta modernista Mário de Andrade elaborou para o Serviço do Patrimônio Artístico Nacional, em 1936. Esse sentido amplo de patrimônio encontrava-se na definição andradiana de arte, como a “habilidade com que o engenho humano se utiliza da ciência, das coisas e dos fatos”, pois, para Mario, arte equivalia a cultura (MEC/SPHAN/FNPM, 1980, p. 92 apud ABREU; CHAGAS, 2009, p. 54)

Assim como a tentativa de Mário de Andrade de fazer vigorar a ideia do patrimônio imaterial, este trabalho também busca reforçar e sustentar a possibilidade da Orla e dos demais bens culturais de Tocantinópolis serem resguardados por Lei, considerando a necessidade do desempenho do poder público para tal execução. Tendo em vista que, atualmente existem diversos tipos de registros de bens culturais de natureza imaterial, como destaca o IPHAN (2012, p. 23):

- Livro de Registro dos Saberes: para a inscrição de conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades;
- Livro de Registro das Celebrações: para rituais e festas que marcam a vivência coletiva do trabalho, da religiosidade, do entretenimento e de outras práticas da vida social;
- Livro de Registro das Formas de Expressão: para o registro das manifestações literárias, musicais, plásticas, cênicas e lúdicas;
- Livro de Registro dos Lugares: destinado à inscrição de espaços como mercados, feiras, praças e santuários, onde se concentram e reproduzem práticas culturais coletivas.

Em face do exposto, é entendido que os bens inscritos em um ou mais de um desses livros registram o título de patrimônio cultural do Brasil. A partir disso, se estabelece a importância desta e de outras pesquisas já realizadas e a necessidade da visibilidade e do bom trabalho do poder público.

Tem como efeito a obrigação, por parte do poder público, de documentar e dar ampla divulgação a esse bem, de modo que toda a sociedade possa ter acesso a informações sobre sua origem, sua trajetória e as transformações por que passou ao longo do tempo; seus modos de produção; seus produtores; o modo como é consumido e como circula entre os diferentes grupos da sociedade, entre outros aspectos relevantes. Ou seja, consiste na identificação dos significados atribuídos ao bem e na produção de vídeos ou material sonoro sobre suas características e contexto cultural. (IPHAN, 2012, p. 23)

Em síntese, este trabalho é uma contribuição para preservação e valorização da Orla como patrimônio histórico e cultural, que muito significou e continua significando na vida da comunidade tocantinopolina, da região do Bico do Papagaio e dos turistas que por aqui passam e levam consigo lembranças, quer seja das belas vistas, quer seja das práticas sociais formadoras de identidade.

Tendo em vista os aspectos apresentados, compreende-se que o problema e os objetivos da pesquisa foram alcançados, evidenciando a construção identitária do povo tocantinopolino com relação ao espaço da Orla, a dinâmica de sociabilidade e as festas tradicionais que constroem e conservam a memória e identidade local. A pesquisa contribui ainda para novas possibilidades de pesquisas e aprofundamento dos debates relacionados à temática do patrimônio imaterial tanto na região do Bico do Papagaio quanto em todas as regiões do Brasil, fazendo conhecer e propagar a diversidade cultural brasileira.



## REFERÊNCIAS

- ABREU, Martha. Cultura popular: Um conceito e várias histórias. In: ABREU, Martha; SOIHET, Rachel (Org.) **Ensino de História: Conceitos, temáticas e metodologia**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003. p. 83-102.
- ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (Org.). **Memória e Patrimônio: Ensaio contemporâneo**. 2 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.
- ALVES TORRES, Carina. A.; COSTA, Miguel Oliveira. Povo indígena Apinajé: ritual da tora grande (párkaper). **Articulando e Construindo Saberes**, Goiânia, v. 5, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/racs/article/view/60382> Acesso em: 14 dez 2022.
- AMÂNCIO, Hélder Pires. Antropologia e Patrimônio Cultural. **Cadernos NAUI**, V. 3, N. 5, jul-dez/2014. Disponível em: <https://nau.paginas.ufsc.br/files/2015/06/Antropologia-e-Patrim%C3%B4nio-Cultural.pdf> Acesso em: 18 mar. 2022.
- ARANTES, Antonio Augusto. **O que é cultura popular**. 14ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2004. (Coleção Primeiros passos; 36)
- BALSAN, Rosane; NASCIMENTO, Núbia Nogueira do. **Cultural no Estado do Tocantins: materialidade e imaterialidade**. Palmas, TO: EDUFT, 2020.
- BANDEIRA, Adenor A. **Bonifácio na História de Tocantinópolis**. Imperatriz: Ética, 2003.
- CANANI, Aline Sapiezinskas Krás Borges. Herança, sacralidade e poder: sobre as diferentes categorias do patrimônio histórico e cultural no Brasil. **Horizontes Antropológicos**, Vol. 11, nº 23, p.163-175, jun. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/DdyW8tLQXzJb59CgD9V5y9M/abstract/?lang=pt> Acesso em: 18 mar 2022.
- CAVALCANTI, Maria Laura; GONÇALVES, Renata de Sá (Org.). **A falta que a festa faz: celebrações populares e antropologia na pandemia**. Rio de Janeiro: Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2021. 337 p. (Série Livros Digital, n. 23). Disponível em: <https://marialauracavalcanti.com.br/wp-content/uploads/2022/02/A-falta-que-a-festa-faz-Maria-Laura-Cavalcanti-Renata-de-Sa%CC%81-Gonc%CC%A7alves-org.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2022.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- CHIZZOTTI, A. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.
- CORREIA, Aldenora Alves. **Boa Vista do Padre João: Tocantinópolis-Goiás**. Goiânia, 1977.
- COSTA E SILVA, Sara da. **Mercado Municipal de Tocantinópolis- TO: uma história que permanece na memória**. TO, 2014. 51f. Monografia (Graduação) – Universidade Federal do Tocantins – Campus de Tocantinópolis, Curso de Ciências Sociais, 2014.

DAMATTA, Roberto A. **Um Mundo Dividido: A Estrutura Social dos Índios Apinayé.** Petrópolis: Vozes, 1976.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História Oral, memória, tempo, identidades.** 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

FRANÇA, Jacira. Resenha: SIMMEL, Georg. Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 2006. **Estudos de Sociologia**, [S.l.], v. 2, n. 13, p. 207-211, abr. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revsocio/article/view/235376/28368>. Acesso em: 29 out. 2022.

FUNARI, Pedro Paulo; PELEGRINI, Sandra C. A. **Patrimônio Histórico e Cultural.** 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

GODOY, Arilda Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **RAE-Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rae/article/view/38183>. Acesso em: 18 ago. 2022.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Centauro. 2006.

HOBBSAWM, Eric; TERENCE, Ranger (Orgs.). **A Invenção das Tradições.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. (Coleção Pensamentos Críticos; v. 55).

IPHAN, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Patrimônio Cultural Imaterial: para saber mais.** 3ª ed. Brasília, DF: Iphan, 2012. Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/cartilha\\_1\\_parasabermas\\_web.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/cartilha_1_parasabermas_web.pdf). Acesso em: 18 ago. 2022.

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** 7ª ed. Campinas/SP: Ed. Unicamp, 2013.

LOPES, Dayhan Deives Camelo. **Festas religiosas: identidade, memória, música e desenvolvimento nos festejos da missão em Dianópolis-TO.** 2021. 108f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) – Universidade Federal do Tocantins, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional, Palmas, 2021.

MARINHO, Eliane Cristina Maciel. **Arraiá da Alegria: Tradição e Competição na Festa Junina de Tocantinópolis-TO.** Tocantinópolis, TO, 2015. 81f. Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Tocantinópolis, Curso de Ciências Sociais, 2015.

MATTOS, Carmem Lúcia Guimarães de. A abordagem etnográfica na investigação científica. In: MATTOS, Carmem Lúcia Guimarães de; CASTRO, Paula Almeida de (Orgs.). **Etnografia e educação: conceitos e usos** [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011. p. 49-83. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/8fcfr/pdf/mattos-9788578791902-03.pdf>. Acesso em: 18 set. 2022.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Proj. História**, São Paulo, v.10, p.7-28, dez. 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/12101>. Acesso em: 18 set. 2022.

NUNEZ, Lorraine Oliveira. As transformações no conceito de patrimônio do IPHAN e suas práticas de tombamento no estado do Espírito Santo. **Faces da História**, v. 3, n. 2, p. 194-212, 6 set. 2016. Disponível em: <https://seer.assis.unesp.br/index.php/facesdahistoria/article/view/390> Acesso em: 18 set. 2022.

PELEGRINI, Sandra C. A.; FUNARI, Pedro Paulo. **O que é patrimônio cultural imaterial**. São Paulo: Brasiliense, 2008. (Coleção Primeiros Passos; 331).

PEREIRA, Clenan Renaut de Melo. **De Boa Vista a Tocantinópolis**. Palmas-TO: [s.l], 2012.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941>. Acesso em: 10 mar. 2022.

SANTOS, Elumira Rodrigues dos. **As festas juninas de Tocantinópolis- TO: voltando ao passado para entender o presente**. TO, 2014. 73f. Monografia (Graduação) – Universidade Federal do Tocantins – Campus de Tocantinópolis, Curso de Ciências Sociais, 2014.

SILVA, Claiton Marcio da. “Em débito com o passado”: história, memória e experiência de ensino utilizando bens culturais. In: MILDNER, Saul E.S; OLIVEIRA, Josiane R. de (Orgs.) **Patrimônio Cultural: experiências plurais**. Santa Maria: Pallotti, 2008. p.135-160.

SILVA, Otávio Barros da. **Breve história do Tocantins e de sua gente: Uma luta secular**. Araguaína: Federação das Indústrias do Estado do Tocantins. 1997.

SIMMEL, Georg. Sociabilidade – um exemplo de Sociologia pura ou formal. In: MORAES FILHO, Evaristo (Org.). Simmel: **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983 p.165-181. (Coleção Grandes Cientistas Sociais).

TOCANTINÓPOLIS, Prefeitura de. **Post do retorno das Juninas**. 2022. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/Cdd\\_opprrhyx/?igshid=YmMyMTA2M2Y=](https://www.instagram.com/p/Cdd_opprrhyx/?igshid=YmMyMTA2M2Y=) Acesso em maio de 2022.

TOCANTINÓPOLIS, Prefeitura de. **Prefeitura de Tocantinópolis por meio da secretaria Municipal de Educação e Cultura anuncia o retorno do Arraiá da Alegria**. 2002. Disponível em: <https://tocantinopolis.to.gov.br/noticia/prefeitura-de-tocantinopolis-por-meio-da-secretaria-municipal-de-educacao-e-cultura-anuncia-o-retorno-do-arraia-da-alegria> Acesso em maio de 2022.

TOCANTINÓPOLIS, Prefeitura de. **Hino de Tocantinópolis**. Disponível em: <https://youtu.be/Mkj3LCSY4oM>. Acesso em: 18 set. 2022.

TOMAZ, Paulo Cesar. A preservação do patrimônio cultural e sua trajetória no Brasil. **Fênix - Revista de História e Estudos Culturais**, vol. 7, n. 2, p.1-12. 2010. Disponível em: <https://www.revistafenix.pro.br/revistafenix/article/view/260> Acesso em: 18 set. 2022.

VENSON, Anamaria Marcon; PEDRO, Joana Maria. Memórias como fonte de pesquisa em história e antropologia. **História Oral**, vol. 15, n. 2. 2012. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/261> Acesso em: 18 set. 2022.

YAMAGUTI, Juliana Geraldi. Antropologia, Patrimônio Cultural e Educação Patrimonial. **Cadernos NAUI**, V. 7, N. 13, jul-dez/2018. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/111123456789/192755> Acesso em: 25 ago. 2022.